

O pior não são os milhões...

O pior é a estratégia que faz com que os milhões em risco e o euro quase a chegar (com o BCE e o Pacto de Estabilidade) não sejam mais do que picos visíveis da estratégia devastadora do capitalismo predominantemente financeiro e transnacional.

■ Sérgio Ribeiro Pág. 18

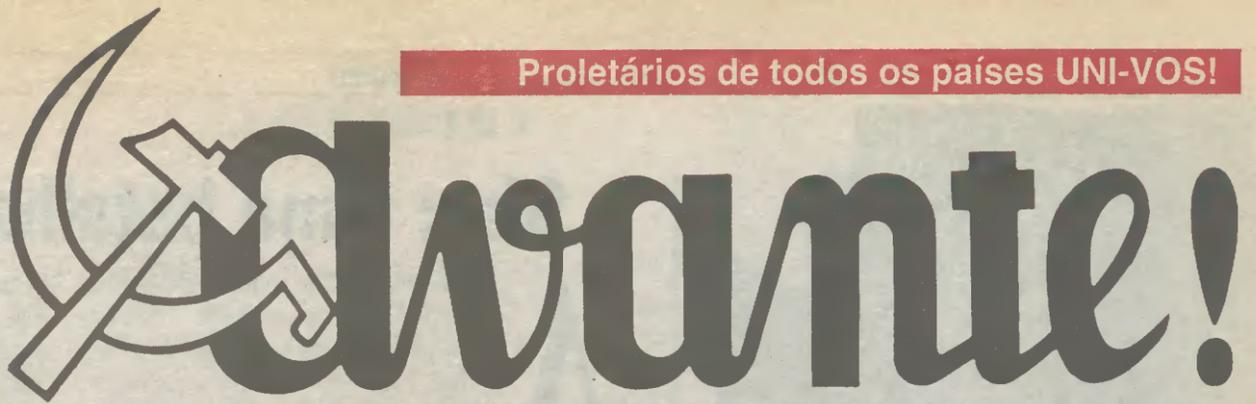
Alegria de viver num Brasil que resiste

A resistência, não consciencializada, do povo brasileiro apresenta aspectos fascinantes. O país foi transformado em laboratório de experiências neoliberais.

■ Miguel Urbano Rodrigues Pág. 17

Trabalhar com Lénine e encontrar Shakespeare

■ Manoel de Lencastre Pág. 16



Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 9 de Junho de 1998 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1280 • Director: José Casanova

Comissões de trabalhadores juntam-se aos sindicatos no combate às alterações legislativas

Pág. 5

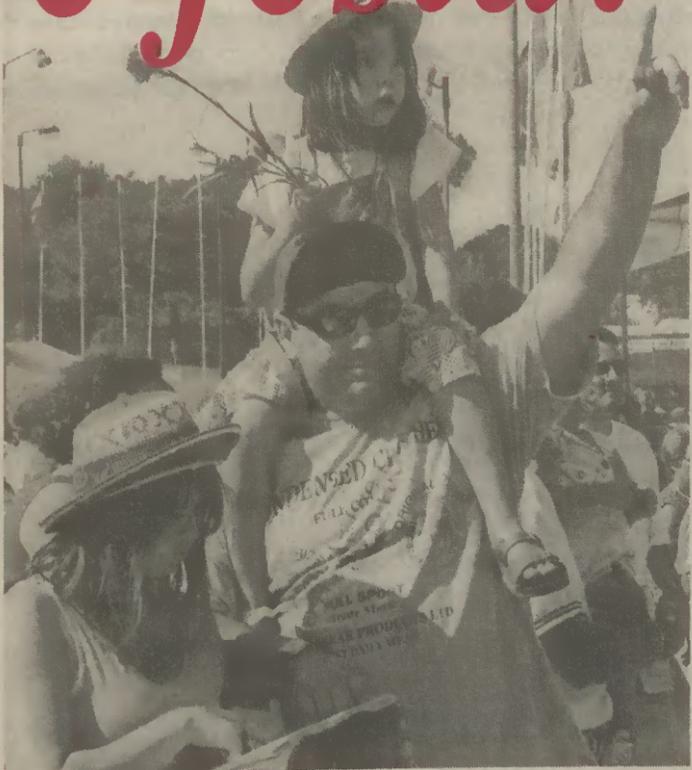
AVISO AO GOVERNO

Pág. 11 a 14



A festa!
AMORA-SEIXAL 4, 5 e 6 SETEMBRO

é festa!



Os trabalhadores e a EXPO'98 DO MERGULHO NA UTOPIA À CONQUISTA DO PROGRESSO



Págs. 10 e 15

EDITORIAL

Sim: Uma batalha para ganhar

A batalha pelo Sim no referendo sobre a despenalização da interrupção voluntária da gravidez é uma batalha de todo o Partido. Pode dizer-se, mesmo, que nestes vinte dias que nos separam da data do referendo, esta é a tarefa essencial de todas as organizações e militantes. Não porque subestimemos a importância de todas as outras tarefas nas quais, muito

justamente, o colectivo partidário está envolvido, mas porque esta é uma tarefa datada, com um tempo definido de concretização e constitui uma batalha política de enorme relevância na qual o PCP se assume clara e profundamente empenhado. (Aliás, numa postura singular no quadro partidário nacional, designadamente em relação ao PS, cujo receio de dar a cara o remete para um mal disfarçado e cobarde demissionismo). Além disso, é óbvio que a intervenção activa do PCP na batalha do referendo se insere plenamente no novo impulso que, no momento actual, mobiliza o Partido com vista ao seu reforço orgânico e ao aumento da sua expressão social, eleitoral e política. A vitória do Sim no referendo de 28 de Junho será um contributo inestimável para o avanço deste esforço colectivo que percorre todo o Partido.

A possibilidade do aumento da força e da influência do PCP decorre da força e da influência de que já dispõe - que é muita - e que, utilizada eficazmente, permitirá alcançar muitos dos objectivos traçados. Avaliando o vasto conjunto de assembleias das organizações realizadas, as conclusões e orientações delas emanadas, o esforço regra geral conseguido de rejuvenescer os organismos de direcção eleitos, a riqueza e vivacidade do debate colectivo; avaliando o desenvolvimento da campanha «Mais emprego com direitos» - e na qual a acção esclarecedora sobre a legislação anti-laboral que o governo do PS prepara tem lugar destacado - traduzido já no contacto com milhares de trabalhadores em centenas de empresas; avaliando a acção dos militantes comunistas no movimento sindical e o seu contributo decisivo para o impressionante súrto de lutas em curso; avaliando a intensa intervenção dos deputados comunistas quer na Assembleia da República quer no Parlamento Europeu; avaliando o esforço desenvolvido pelos eleitos do Partido nas autarquias locais; avaliando o arranque da iniciativa «Portugal 2000 - debates para uma política de esquerda» e o vasto calendário de realizações já definido - não é difícil constatar a dimensão e o significado da intervenção do PCP na vida nacional, a força e a vitalidade do Partido, a sua profunda ligação às massas e as enormes potencialidades de reforço de que dispõe. Persistindo com determinação, persistência e perseverança no objectivo de intensificar e ampliar essa intervenção e de aumentar essa força e essa vitalidade, os resultados surgirão cada vez mais evidentes.

Neste contexto, a batalha do referendo e a previsível vitória do Sim deve ser vista como componente maior, no momento actual, desse enorme esforço colectivo pelo que é indispensável consagrar-lhe os meios, apoios e esforços adequados à sua dimensão e relevância. Trata-se de uma batalha

para ganhar e que será ganha se soubermos responder às suas exigências específicas. Trata-se de uma batalha que exige aos comunistas uma intervenção intensa, fundamentada, serena, séria, inteligente - uma intervenção que, ao fim e ao cabo, contribua para o esclarecimento do eleitorado e se distinga da campanha intolerante e fundamentalista (por vezes entrando já no campo do terrorismo psicológico) da generalidade dos defensores do Não.

O combate à vaga mistificatória que procura centrar a questão numa luta entre pretensos defensores e opositores do aborto é, talvez, o ponto de partida essencial da acção esclarecedora dos defensores do Sim. Como se afirma no recente comunicado da Comissão Política «o que está no centro do referendo e da campanha do PCP é a anulação da pena de prisão até três anos que a lei actualmente prescreve para as mulheres que recorrerem ao aborto e a permissão legal da sua realização, por decisão responsável da mulher, nas primeiras dez semanas, em condições de assistência e segurança médica».

O combate à vaga mistificatória que procura centrar a questão numa luta entre pretensos defensores e opositores do aborto é, talvez, o ponto de partida essencial da acção esclarecedora dos defensores do Sim

Igualmente perigosa é a mistificação gerada pela ignorância e pela irresponsabilidade, a qual se reveste de contornos de maior gravidade quando dispõe de amplas possibilidades de difusão. É o caso, por exemplo, de um texto publicado na primeira página do Independente e no qual o seu autor, Vasco Pulido Valente, não se sabe bem se a sério se a brincar, protesta contra o facto de, segundo ele e só ele, não ter sido ainda definida a pergunta a colocar ao eleitorado no referendo!... «Os senhores deputados da nação ainda não se dignaram decidir o que nos tencionam perguntar», informa o informado analista. E embalado pela ignorância e inspirado pela irresponsabilidade, garante que a pergunta a decidir será «uma pergunta hipócrita» que ninguém deve «tomar à letra». Ora, como sabe qualquer pessoa minimamente informada, a pergunta que Vasco Pulido Valente diz não existir foi aprovada e é conhecida há mais de um mês - como não podia deixar de ser por razões que qualquer pessoa no seu estado normal compreenderá. É verdade que ignorar a pergunta é um bom pretexto para baralhar os dados e espalhar a confusão tão cara aos pescadores de águas turvas. Sejam claros: «Concorda com a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, se realizada, por opção da mulher, nas 10 primeiras semanas, em estabelecimento de saúde legalmente autorizado?»: sem «hipocrisias» e para ser «tomada à letra», é esta, e não outra a pergunta; é esta, precisamente esta, a pergunta à qual se pede ao eleitorado que responda Sim ou Não.

A batalha aí está. Para travar e ganhar. Com a noção de que «a causa da vitória do Sim em 28 de Junho é a causa onde é imperioso que o PCP e os comunistas portugueses deixem a marca empenhada do seu esforço e da sua essencial contribuição».



A Segurança Social nas preocupações da CGTP/IN

RESUMO

3 Quarta-feira

A Assembleia da República chumba o projecto do PCP para a actualização extraordinária das pensões degradadas dos funcionários públicos e professores ■ O ministro da Justiça anuncia um conjunto de medidas de desbloqueamento para os tribunais cíveis ■ Os estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa tomam conta das instalações e exigem uma sindicância e a renovação dos quadros ■ A Comissão Parlamentar de Assuntos Fiscais anuncia que o cargo de deputada da dirigente do PSD Manuela Ferreira Leite não é incompatível com a administração do Instituto Superior de Línguas e Administração ■ Num encontro que manteve com o primeiro-ministro britânico, António Guterres reafirma que Portugal está disposto a manter negociações com a Indonésia sobre a questão de Timor-Leste ■ Na Alemanha, pelo menos 120 pessoas morrem e mais de 300 ficam feridas, na sequência de um descarrilamento de um comboio de alta velocidade.

4 Quinta-feira

Carlos Carvalhas visita várias empresas do concelho de Águeda ■ A Assembleia da República aprova a formação de uma comissão de inquérito parlamentar às ligações entre o Estado e os grupos económicos durante os governos do PSD ■ A ministra espanhola do Ambiente afirma desconhecer completamente a agenda da reunião que se ia realizar entre delegações do seu país e de Portugal sobre a questão da água ■ O ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio afirma que qualquer solução para Timor-Leste passa pela vontade política de Portugal e o reconhecimento de «certa realidade» ■ Os pilotos da Air France continuam em greve, enquanto dezenas de milhares de pessoas manifestam-se em Paris contra diversas situações laborais ■ De passagem por Lisboa, o representante da ONU para Angola mostra-se insatisfeito com a reacção ao Plano para a Saída da Crise ■ O governo da Etiópia aprova uma proposta de saída negociada para o conflito fronteiriço que mantém com a Eritreia ■ Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU apelam à Índia e ao Paquistão que se abstenham de tornar operacionais as suas armas nucleares ■ Os EUA vetam o regresso de Cuba à OEA.

5 Sexta-feira

O secretário-geral do PCP desloca-se ao concelho de Oliveira do Bairro, Aveiro ■ Em vésperas de congressos do PS no Norte, multiplicam-se as declarações contraditórias de dirigentes socialistas e de membros do Governo. Em foco a realização do referendo sobre a regionalização ou o seu adiamento ■ Vitalino Canas, da Comissão de Jurisdição do PS, decide adiar o congresso distrital de Beja do Partido

Socialista, na sequência do pedido de impugnação da eleição de alguns delegados ■ Em visita à EXPO, António Guterres, comemorando o Dia Mundial do Ambiente, aponta as obras realizadas como exemplo de «recuperação ambiental» ■ Mário Carrascalão, ex-governador de Timor Leste, chega a Díli para «auscultar a população» sobre a questão timorense no contexto das «reformas» indonésias ■ O conflito entre a Etiópia e a Eritreia sofre uma escalada, com bombardeamentos e a abertura de três frentes de guerra com mais de um milhar de quilómetros.

6 Sábado

A CGTP promove uma Conferência Nacional, em Lisboa, sobre Segurança Social, propondo a rejeição das propostas do Governo sobre a matéria e a luta pelo seu aperfeiçoamento ■ Guterres decide, a pedido de Francisco Abecassis, líder parlamentar do PS, uma reunião urgente da Comissão Política Nacional a fim de aplacar os ânimos incendiados em torno da questão da regionalização ■ Um violento acidente de viação, na auto-estrada, perto de Grândola, provoca sete mortos ■ Cerca de duas mil pessoas juntaram-se em Díli, frente ao Palácio do Governador, onde Mário Carrascalão se deslocou para uma reunião que durou sete horas. A conclusão, ao arripio da proposta de Abílio Osório, actual governador, que pretendia apenas uma autonomia no seio da Indonésia, foi mais longe, com a exigência de um referendo e rejeição da integração ■ A China acusa a Índia e os Estados Unidos de hipocrisia em matéria de armamento, pondo em causa a primeira pelos seus ensaios nucleares e os EUA pelas suas vendas de armas a Taiwan ■ Nawaz Sharif, primeiro-ministro paquistanês, propõe em Islamabad negociações entre o seu país e a Índia para pôr termo à corrida aos armamentos naquela região do mundo ■ Enquanto o Conselho de Segurança da ONU apela ao cessar fogo entre a Etiópia e a Eritreia, Addis Abeba faz depender o fim da guerra da aceitação, por parte da Eritreia do plano de paz americano-ruandês.

7 Domingo

Estala em Bissau uma rebelião militar, chefiada pelo ex-chefe de Estado Maior das Forças Armadas daquele país. Nino Vieira garante que a revolta será dominada ■ O delegado da União Europeia para Macau e Hong Kong é acusado por deputados em visita à China de os ter ignorado ■ Mais de 500 estrangeiros abandonam a capital da Eritreia na previsão de um agudizar do conflito contra a Etiópia ■ Enquanto Bona insiste com as autoridades de Belgrado para que cessem as acções militares, o chamado Exército de Libertação do Kosovo (UCK) apela à guerra total contra os sérvios ■ Os governos da Índia e do Paquistão acusam o Conselho de Segurança da ONU de parcialidade e rejeitam o apelo à assinatura do tratado de não proliferação de armas nucleares.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Soares Pereira Gomes
1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Soares Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.º A, 1100 Lisboa
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Lináb — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1100 Lisboa

— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7.º A 1100 Lisboa

— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão:
Heska Portuguesa, SA
Tel: (01) 923 89 00
Campo Raso — 2710 Sintra
Depósito legal n.º 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EUROPA
50 números: 6 750\$000	50 números: 24 750\$000
25 números: 3 487\$500	
ESPAÑA	EXTRA-EUROPA
50 números: 13 300\$000	50 números: 39 950\$000
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU	— 50 números: 26 650\$000

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____ Telef. _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Opção pelo privado

Os adjectivos, segundo os jornais dos últimos dias, não poderiam ter sido mais entusiásticos: "um texto animador", "promissor", que provoca "imensa satisfação", segundo a Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular (AEEP), "um acto importante", "um grande passo", "um ponto de chegada" mas também "um ponto de partida", segundo o ministro da Educação. E o "ponto de partida" é nem mais nem menos que o "pacto" de colaboração entre essas duas entidades que prevê, nomeadamente, que os custos do ensino privado, ao nível do ensino básico e secundário, passem a ser parcialmente financiados pelo Estado, tomando como referência "os custos por aluno no ensino público". Governo e associação, ainda segundo os jornais, comprometem-se a colaborar para "fazer evoluir" o ensino particular enquanto verdadeira "alternativa" ao ensino público, numa lógica de "aproximação progressiva das condições de frequência" num e noutro sistema.

Num país que já figura certamente no *Guinness Book* pela estonteante expansão do ensino superior privado - que em pouco

mais de uma década passou a representar cerca de um terço do total do sistema - e pelo aberrante facto da rede da educação do pré-escolar, pelo menos até há pouco tempo, ser predominantemente privada, está assim anunciada uma política para a significativa substituição da educação pública ao nível do ensino básico (obrigatório) e do ensino secundário pelo ensino privado.

Esta política neoliberal de financiamento público do ensino privado para que este substitua o próprio ensino público - onde são entretanto deixadas sem resposta carências na rede e de qualidade de toda a ordem - não consegue alinhar um único argumento válido em termos do interesse nacional e das necessidades do conjunto da sociedade portuguesa.

Que os senhores da Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular invoquem a "liberdade de escolha das famílias entre ensino público e privado" para tentarem parasitar o Orçamento do Estado, ainda se compreende. O que é

absurdo e não se pode aceitar é uma política do Governo, feita em nome da Nação e custeada por todos os portugueses, para favorecer interesses particulares de modo a que estes se perfilhem como verdadeira "alternativa" ao serviço público...

Poderá ser lembrado que o CDS-PP propôs essa política no seu "programa eleitoral e de governo". Onde é assumido epicamente que "o Partido Popular não desistirá de lutar para que seja assegurada uma efectiva liberdade de escolha das famílias entre ensino público e privado" através de um "sistema que se baseia num apoio do Estado, durante a escolaridade obrigatória, à frequência de estabelecimentos de ensino privado".

Não é motivo de estranheza que na Avenida 5 de Outubro tenha sido agora exactamente essa a "música"?

■ Edgar Correia

O referendo, o PS e a falta de escrúpulos

«No referendo ao aborto seria interessante que o conjunto da votação no sim, com a subtracção dos resultados do PCP nas últimas legislativas, pudesse ser superior ao conjunto dos votos do Não, ou seja, do PSD e do CDS».

(Sérgio Sousa Pinto, deputado do PS ao jornal «Semanário»)

Em véspera de um referendo em que se jogam valores tão sérios e profundos como a saúde pública e a dignidade da mulher não deixa de surpreender que a preocupação de alguns esteja mais centrada em jogos de cálculo político e ambições partidárias do que no interesse e empenhamento da vitória de valores civilizacionais e direitos de cidadania.

A ligeireza da citada afirmação diz por si muito de quem a assume e das ambições que move. Mas apesar disso ela ainda justifica dois breves comentários e uma ilação.

Primeiro, para se considerar absolutamente deplorável que haja quem pretenda usar o presente referendo como balão de ensaio de pretensões hegemónicas e um patético exercício no caminho das suas ambições absolutistas.

Particularmente quando estas atitudes têm origem naqueles que se permitiram, menos de 24 horas após a lei de despenalização ter sido aprovada na Assembleia da República e de terem jurado dias a fio virem a dar o dito por não dito, usar as mulheres, a sua dignidade, saúde e vida como moeda de troca de negócios políticos sem escrúpulos no interesse comum da política de direita.

Segundo, para sublinhar a incorrigível distracção e insuperável falta de objectividade de Sérgio Sousa Pinto na observação

e análise do quadro político em que se trava a batalha do referendo.

Pretender-se insinuar que a vitória do *Sim* corresponderia ao trabalho do PS, identificando e fundindo o *Sim* com o PS, num quadro em que a única posição que a este partido pode ser atribuída é o NIM, revela não apenas uma falta de rigor e de verdade como constitui uma lamentável ausência de princípios. Aliás o que conviria mesmo é que este dirigente do PS pudesse desenvolver este seu profundo exercício aritmético esclarecendo em que parcela dos referidos factores arruma o seu Secretário-Geral e o factor de multiplicação que utilizará para acrescentar na parcela do Não a contribuição que será dada pelos tempos de antena do PS a esta posição.

A utilização sem princípios de um resultado para o qual outros sectores políticos estão a contribuir, no qual o PCP inteiramente se inclui, aliás de forma bem mais decidida e empenhada, só permite uma conclusão. A de que para alguns, mais do que as causas, os valores e os ideais democráticos o que conta são os restritos interesses partidários ao sabor dos quais medram uma intolerável concepção instrumentalizadora do esforço e energia do campo democrático.

■ Jorge Cordeiro

CAMBODJA

O recente anúncio da morte de Pol Pot deu origem a muitos comentários. Mas algumas verdades fundamentais têm sido omitidas. Convém recordá-las, nestes tempos de "limpeza histórica".

O jornalista australiano John Pilger (que tem tido um papel de relevo na divulgação da luta do povo timorense) foi um dos primeiros jornalistas a chegar a Phnom Penh quando, em 1979 "os vietnamitas finalmente responderam a anos de ataques transfronteiriços por parte dos Khmeres Vermelhos e libertaram o país". Em numerosos documentários televisivos, artigos (e.g. na revista *The Nation*, 11.5.98) e livros (e.g., *Distant Voices* e *Heroes*), tem denunciado o apoio ocidental a Pol Pot.

A ascensão ao poder dos Khmeres Vermelhos é precedida pela agressão dos Estados Unidos, no contexto da guerra que conduziam contra o povo vietnamita. Em 1970 os EUA organizam um golpe de Estado e invadem o Camboja. Simultaneamente, aviões norte-americanos levam a cabo bombardeamentos massivos, provocando a morte de centenas de milhar de cambojanos. Diz Pilger "aquilo que Kissinger e Nixon começaram, Pol Pot completou". Estima-se que cerca de um quarto da população do país foi exterminado pelo delírio desse "pequeno grupo de extremistas nacionalistas etnicistas, com pretensões maoístas", após a sua chegada ao poder em 1975. Quando em 1979 os comunistas vietnamitas, em colaboração com a resistência cambojana, põem termo ao reino de terror, "quase de imediato os Estados Unidos começam a apoiar secretamente Pol Pot no exílio". E acrescenta Pilger: "Foi estabelecido contacto directo entre a Casa Branca de Reagan e os Khmeres Vermelhos quando o Dr. Ray Cline, um ex-vice-director da CIA, efectua uma visita clandestina à base operacional de Pol Pot no interior do Camboja, em Novembro de 1980. (...) Um ano volvido, cerca de 50 agentes da CIA e outros serviços secretos geriam a guerra secreta de Washington contra o Camboja, a partir da embaixada dos EUA em Banguecoque e ao longo da fronteira tailandesa-cambojana". Era "a última batalha da guerra do Vietname", como confidenciou um oficial americano a Pilger. A face diplomática desse apoio foi o vergonhoso reconhecimento internacional do regime genocida de Pol Pot durante mais de uma década após a sua queda. Em 1989 Pilger comentava que "a bandeira vermelha e amarela dos Khmeres Vermelhos ainda flutua nas Nações Unidas e o homem de Pol Pot fala na Assembleia Geral em nome das suas vítimas. É como se o lugar da Alemanha na ONU fosse ocupado pelo Terceiro Reich de Hitler, derrotado, mas mantido em vida no exílio pelos aliados, enquanto que a suástica ondeava sobre Nova Iorque". Ao mesmo tempo, um embargo recaía sobre o Camboja libertado. "A ONU negava auxílio a um único país do Terceiro Mundo: o Camboja", que lutava para sobreviver enquanto povo e enquanto nação. "Se o bombardeamento norte-americano foi a primeira fase do holocausto do Camboja e o Ano Zero de Pol Pot foi a segunda, a terceira fase foi a utilização das Nações Unidas por Washington, os seus aliados e a China, como instrumento de castigo do Camboja e do Vietname". Mas o apoio ocidental não se ficou por aqui. "Os EUA começaram a financiar secretamente Pol Pot (...) 85 milhões de dólares entre 1980 e 1986". "Enquanto Washington pagava as contas e o Exército tailandês fornecia apoio logístico, Singapura servia de intermediário no fornecimento de armas ocidentais". E unidades militares especiais britânicas (SAS) treinavam no uso de minas anti-pessoais. Em 1992 é imposto um "plano de paz" da ONU ao Camboja, que legitima os Khmeres Vermelhos. Pilger afirma que "o Ocidente, por intermédio da ONU, trouxe ao Camboja as eleições, o 'mercado livre', a Sida e a corrupção em massa". E deu nova vida às forças de Pol Pot, que em 1993 "detinham vantagem militar em metade do Camboja, o que não acontecia antes da chegada da ONU".

A morte de Pol Pot não significa que o povo cambojano poderá finalmente viver em paz, e o recente agravamento da tensão nesse país faz temer o pior. Tal como em Angola, Palestina, Saará, Timor, o "fim da guerra fria" não significou o fim dos "conflitos locais". Porque a sua génese não estava no "conflito Leste-Oeste", mas no conflito entre os povos do planeta e o imperialismo. Que não começou, nem acabou, com o "Muro".

■ Jorge Cadima



Foto: Jorge Caria

Professores exigem mudança no ensino escolar da História

Uma comissão constituída por professores de 123 escolas de todo o País exige que o programa de História do Ensino Secundário seja revisto «com urgência» e o estudo da História de Portugal reconquiste a sua autonomia na estrutura curricular. Afirmam estes pro-

fessores em documento já enviado ao Ministério e à Assembleia da República que a revisão do programa é um «imperativo educativo prioritário», mas ainda não obtiveram resposta. Para os docentes, o actual tratamento da História de Portugal no contexto geral é um

«equivoco». Por outro lado, «o aluno só tem História de Portugal no 2º ciclo, com um nível etário que não permite o desenvolvimento de algumas capacidades cognitivas indispensáveis ao estudo da matéria». Para além da primazia do ensino da História de Portugal e da contem-

porânea, os professores defendem a reintrodução da História em todos os currículos do secundário e a necessária articulação do processo com os programas do ensino básico regular e do recorrente, tendo em conta os ritmos de aprendizagem e as metodologias.

Neutrino revoluciona concepção do Universo

Investigações envolvendo uma centena de cientistas de 23 universidades e instituições científicas dos EUA e do Japão anunciaram na Conferência Neutrino'98, realizada esta semana na cidade japonesa de Takayama, que «a mais misteriosa das partículas do Universo - o neutrino - afinal possui massa». O Modelo Standard da física de partículas - elaborado por Weinberg-Glashow-Falam - assenta no pressuposto de que o neutrino possui massa zero, embora vários teóricos especulassem, há muito, sobre a possibilidade de a

partícula possuir massa. O neutrino foi «criado» teoricamente por Pauli, em 1930, para explicar a conservação de energia no Universo. Diante das revelações agora apresentadas, John Learned, professor de Física e Astronomia da Universidade do Havá um dos autores da comunicação feita em Takayama, afirmou que «estes novos resultados poderão ser a chave para encontrar o Graal da Física, a teoria unificada. A partir de agora, os neutrinos não poderão ser ignorados na medição da massa do Universo».



Última viagem do vaivém para a estação orbital Mir

O vaivém espacial norte-americano *Discovery* subiu esta semana ao espaço para o seu último encontro com a estação espacial russa *Mir*, que em Dezembro deste ano será desactivada e lançada para a atmosfera terrestre, onde se desintegrará, sendo substituída pela estação orbital internacional *ISS*, a construir até ao ano 2001 por um

consórcio de países liderados pelos EUA e a Rússia. O *Discovery* transporta, nesta sua última missão para a *Mir*, um novo equipamento de investigação científica denominado *Alpha Magnetic Spectrometer* (AMS) que, na estação *Mir*, vai recolher em órbita dados sobre a matéria escura e a antimatéria. Este sistema AMS foi construído numa

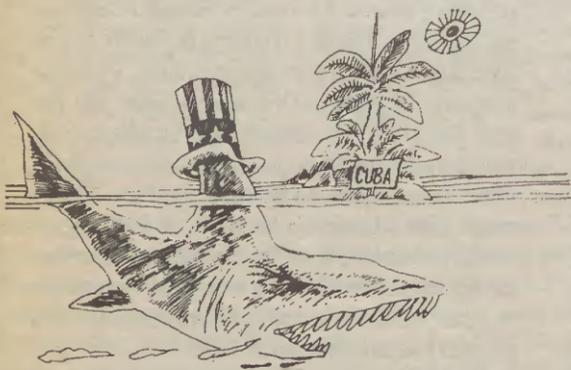
conjugação de esforços internacional, que incluiu a participação portuguesa. O *Discovery* transportou igualmente uma bandeira portuguesa, em homenagem aos 500 anos da viagem de Vasco da Gama para a Índia e numa associação às comemorações que em Portugal se realizam para comemorar o evento.



Lotas de peixe sem controlo sanitário

Segundo o *Diário de Notícias*, mais de duas toneladas de peixe são rejeitadas todos os dias nas lotas de Lisboa e Sesimbra, sendo estas duas as únicas, das 16 lotas existentes no País, que têm controlo sanitário, o que significa, segundo os técnicos sanitários citados pelo *DN*, que chega diariamente ao mercado nacional muito peixe impróprio para consumo. Ainda segundo os referidos técnicos, serão confeccionadas em Portugal 20 a 30 mil refeições diárias com peixe impróprio para consumo, o que, «tendo em conta os efeitos cumulativos», mais cedo ou mais tarde há-de ter consequências na saúde pública, nomeadamente ao

nível das defesas imunitárias e das doenças emergentes. O jornal cita o bastonário da Ordem dos Médicos Veterinários, Cardoso Resende, afirmando que tanto o Ministério da Agricultura e a Direcção-Geral de Veterinária, como a Docapesca, empresa estatal responsável pelas 16 lotas do País, têm conhecimento do «clima de insegurança e instabilidade existente no sector, devido às ameaças e pressões dos armadores sobre os inspectores e à falta de condições de funcionamento e de autoridade desta classe profissional», acrescentando que o problema se arrasta há anos «e ainda não houve capacidade política para o resolver».



Regresso de Cuba à OEA vetado por Clinton

Os EUA impuseram novo veto na sua política obsessiva de isolar Cuba, desta vez contra a reintegração do pequeno país das Caraíbas na Organização dos Estados Americanos (OEA), pretendida pela maioria esmagadora dos 33 Estados que integram esta organização internacional. O descontentamento entre os membros da OEA por mais este boicote a Cuba foi tão notório que a própria

secretária de Estado norte-americana, Madeleine Albright, se deslocou pessoalmente a Caracas, onde se realizou a 28ª Assembleia Geral da OEA, onde o veto norte-americano foi mais uma vez imposto apenas em nome dos interesses da política interna norte-americana, que continua dependente do eleitoralmente forte lobby anti-cubano instalado nos EUA.

Acidente ferroviário na Alemanha faz mais de 100 mortos e 300 feridos

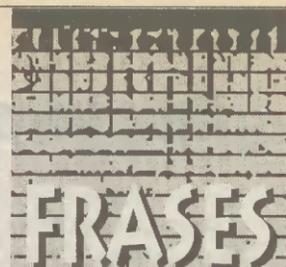
Um comboio alemão de alta velocidade, com centenas de passageiros a bordo, descarrilou e desfez-se contra os pilares de uma ponte, provocando pelo menos 120 mortos e 300 feridos graves, na maior tragédia ferroviária ocorrida na Alemanha

nos últimos 50 anos. O comboio de alta velocidade saía de cidade de Hanôver com destino a Hamburgo e descarrilou na localidade alemã de Eschede, perto de Hanôver, pouco depois de ter partido e quando já atingira a velocidade de 200 quilómetros

por hora. Ainda não há resultados concretos do inquérito que foi imediatamente instaurado para apurar as causas do brutal acidente, mas ganha consistência a hipótese de que uma deficiência nos carris e consequente destruição das rodas das carrua-

gens estaria na origem da tragédia. O comboio acidentado, denominado *Wilhelm Conrad Roentgen*, era um dos 100 expressos intercidades da Companhia de Caminhos de Ferro da Alemanha e um dos mais potentes em serviço, podendo

atingir uma velocidade de 280 quilómetros por hora. A última tragédia semelhante ocorrida na Alemanha verificou-se em 1945, logo a seguir ao fim da II Guerra Mundial, num choque de comboios para de Munique que causou 102 mortes.



“Não cantarei só ópera, mas também música espanhola. E, se possível, acabamos cantando um fado.”

Plácido Domingo
in «Diário de Notícias» de 5 de Junho

“Entre nós, das duas uma: ou há regras, mas elas são tão excessivas que se arranja sempre um parecer ou uma interpretação benévola (...) ou então não há regra nenhuma e, por mais chocante que seja determinada situação concreta, o seu beneficiário pode sempre dizer que está dentro das leis.”

Miguel Sousa Tavares
in «Público» de 5 de Junho

“Um trabalhador médio ganha hoje pouco mais de cem contos por mês. Uma família média gasta por dia pelo menos 40 contos para visitar a Expo: ninguém reparou neste contraste? É verdade que na torre Vasco da Gama, onde se pagam 20 contos por refeição, o restaurante abarrotado e não se consegue lugar. Mas não nos iludamos: esta imagem não reflecte o país mas apenas a forma como distribuímos os rendimentos.”

Daniel Amaral
in «Semanário Económico» de 5 de Junho

“A Expo'98 prova que ambiente e desenvolvimento não são contraditórios.”

António Guterres em visita à Expo
in «Correio da Manhã» de 6 de Junho

“Estou perfeitamente tranquilo, porque há a consciência do que tem de ser feito e muito trabalho já está feito.”

Jorge Coelho em visita ao local onde vai realizar-se, no Porto, a Cimeira Ibero-Americana
in «Público» de 6 de Junho

“Estamos satisfeitos.”

Marçal Grilo em visita à Universidade Lusófona
in «Público» de 6 de Junho

“As pessoas não são obrigadas a pagar produtos e serviços não encomendados e que não correspondam a contratos validamente celebrados.”

Mário Frota, presidente da Associação Portuguesa para o Direito do Consumidor, a propósito das queixas contra as chamadas de valor acrescentado
in «A Capital» de 6 de Junho

“Eu tenho uma grande esperança de que seja Sim (o resultado do referendo sobre o aborto). Será um grande desgosto se for Não. Não como uma derrota pessoal. À medida que fui estudando o assunto fui-me apercebendo de que se trata rigorosamente de um drama das mulheres.”

Odete Santos
in «Diário de Notícias» de 6 de Junho

“Se falar enquanto mulher e não enquanto deputada considero que esta é uma velha querela entre as religiões e as mulheres. Nas religiões com que convivemos no mundo ocidental quem cria a vida é Deus e não a mulher. Sempre que há um processo em que fica patente que quem cria a vida não é nenhum Deus...”

Idem, ibidem

TRABALHADORES

Comissões de Trabalhadores juntam-se aos sindicatos no combate às alterações legislativas

É o Governo que cria motivos para instabilidade

No 5º Encontro Nacional de CTs, realizado no dia 3 em Lisboa, foi feito um aviso ao Governo: as comissões de trabalhadores, caso o executivo do PS e Guterres não reconsidere as suas intenções de promover graves alterações a pilares da legislação laboral, «tudo farão para congregar e unir esforços com o movimento sindical, no sentido de dar uma nova dimensão à luta a partir das empresas».

De acordo com a resolução aprovada no encontro, as CTs responsabilizam o Governo «pela desestabilização social que o processo, calendário e conteúdo destas alterações naturalmente provocariam nos próximos meses» e que vêm desmentir os apelos dos governantes à estabilidade social, para a boa imagem e sucesso da Expo'98.

No imediato, o movimento das comissões de trabalhadores decidiu «promover e dinamizar uma vasta e envolvente acção de esclarecimento dos trabalhadores, independentemente do seu vínculo laboral, visando a sua mobilização para a luta em defesa dos direitos que vigora na Constituição, na Lei e na contratação». Esta acção abrangerá também o objectivo de defesa do sistema de Segurança Social.

As CTs exigem que lhes seja reservado um papel próprio nas iniciativas legislativas sobre os Comités de Empresa Europeus e na regulamentação da eleição dos representantes dos trabalhadores para as comissões de Higiene, Segurança e Saúde nos locais de trabalho - opon-

do-se frontalmente a um parecer da UGT, na Concertação Social, que aceitou como questão exclusivamente sindical a eleição dos representantes dos trabalhadores para os comités.

Mudar a lei em vez de punir

Reunidos na Voz do Operário, centenas de membros de CTs de empresas dos mais variados sectores analisaram as grandes questões sociais e laborais da actualidade. A resolução dá nota de «um traço geral nas empresas que visa a desregulamentação e a precarização dos direitos do trabalho», denunciando o «recurso sistemático à via do facto consumado, perante a ineficácia da intervenção da Inspeção e a falta de decisão atempada da Justiça».

Mas, «quando a situação exigia pôr cobro à impunidade destas práticas ilegais, o Governo, pela via da alteração às leis laborais, pretende colocar a lei em conformidade com essas práticas e situações mais injustas», protesta-se no documento. O Governo é acusado

de escolher «propositadamente o calendário» de modo a que a discussão pública coincida com o período da Expo'98, com o referendo sobre a despenalização do aborto e com o início das férias.

«A própria forma faseada e intercalada com medidas pontuais mais ou menos positivas constitui uma manobra de diversão para diluir o impacto e o alcance das peças mais gravosas», afirmam as CTs, citando a proposta de lei sobre trabalho a tempo parcial, a alteração do conceito de retribuição e a alteração do regime de lay-off (suspensão dos contratos de trabalho), às quais se seguiram modificações na lei das férias, nos contratos a termo e no conceito de profissão.



O encontro da semana passada foi um dos pontos de reunião mais altos na história do movimento das comissões de trabalhadores

Calendário de lutas

Apesar de todas as pressões e dificuldades levantadas à intervenção dos trabalhadores e das suas estruturas representativas, a gravidade dos problemas e a evidência das injustiças estão a suscitar protestos de grande dimensão.

O movimento sindical unitário prepara para a próxima semana uma jornada nacional de luta contra as graves alterações à legislação laboral e em defesa da Segurança Social (tema da conferência nacional da CGTP, realizada sábado e que trataremos no próximo número do «Avante!»). Estão, para já, anunciadas concentrações e manifestações em Lisboa, no dia 18, no Porto e em Aveiro (ambas no dia 20).

Os ferroviários admitem voltar à greve na próxima sexta-feira, dia 12, se o conselho de gerência da CP e o Governo não mostrarem ter compreendido a mensagem da grande greve de 29 de Maio.

Os trabalhadores dos museus e palácios vão estar em greve nos feriados de amanhã e depois, exigindo negociar com o Ministério da Cultura o projecto de reestruturação das carreiras. A greve repete-se nos feriados municipais até final do ano.

Na sexta-feira os guardas e vigilantes da Natureza decidiram marcar greve para dia 15, antecedida de plenários nos locais de trabalho, no dia 12, onde vão aprovar documentos a enviar ao Governo contra o impasse nas negociações do seu regime de trabalho.

Continuam as greves na hotelaria (Sheraton, ontem e anteontem, Hotéis Tivoli e Hotel Ritz no próximo dia 18), por melhores salários e condições de trabalho. Para hoje está marcado um plenário na Torralta, em Tróia. Ainda não estava resolvido o conflito no Hospital da Cruz Vermelha, que também envolve o pessoal de enfermagem.

Na sexta-feira os enfermeiros decidiram entregar uma proposta de alteração legislativa defendendo cursos gerais de 4 anos, com grau académico de licenciatura, e convocaram os jornalistas para anunciarem formas de luta consensualizadas com as diversas organizações profissionais da classe.

No dia anterior, os metalúrgicos enviaram uma delegação alargada para expressar aos dirigentes patronais, no Porto, o repúdio dos trabalhadores pela ofensiva contra a contratação colectiva do sector.

Para a próxima segunda-feira, dia 15, a Fenprof convocou um plenário nacional descentralizado de educadores de infância, admitindo a realização de uma greve, ainda em Junho, contra um projecto que defende a não aplicação do calendário escolar aos jardins de infância da rede pública.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, cuja direcção verificou sexta-feira em Braga ser necessário intensificar o processo reivindicativo que se vem desenvolvendo no sector, decidiu convocar uma greve nacional para 6 de Julho.



Manifestação em Viana contra venda dos Estaleiros

Centenas de trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo participaram sexta-feira numa marcha de protesto contra a privatização da gestão daquela unidade industrial.

Carvalho da Silva, que integrou o desfile dos ENVC até ao Governo Civil de Viana, manifestou aos trabalhadores o apoio da CGTP à luta em defesa dos postos de trabalho, das regalias sociais conquistadas e contra a privatização da empresa. «Esta é uma luta de grande justiça para os trabalhadores, na medida em que se trata da defesa dos Estaleiros e dos seus postos de trabalho, sendo também muito importante para o futuro da região porque, ao longo de algumas décadas, esta empresa tem sido o supor-

te de uma melhoria de qualidade de vida», afirmou.

O coordenador da CGTP, citado pela Agência Lusa, falava na sequência da recente aprovação pelo Conselho de Ministros do projecto denominado «Bases de Reestruturação dos ENVC», no qual se prevê, entre outras medidas, a abertura a entidades privadas da gestão desta empresa. «Cada diploma que vão fazer sobre o futuro dos ENVC vai ser influenciado pela vossa movimentação, por isso é preciso continuar a trabalhar para haver toda a solidariedade e o apoio das entidades da região», frisou Carvalho da Silva, que criticou o «descaramento» do Governo ao dizer que «os priva-

dos poderão garantir um melhor futuro aos ENVC do que o Estado, quando cada vez mais se assiste à falência de empresas».

«Na Lisnave também foi assim: dizia-se que a reestruturação era inevitável e agora chega-se à vergonha de a administração da empresa anunciar a possibilidade de recrutar centenas de trabalhadores no Brasil e na Polónia», acrescentou.

António Basto, da Comissão de Trabalhadores dos ENVC, referiu que «os trabalhadores não entendem por que é que, depois de efectuar o saneamento económico-financeiro da empresa, o Governo vai entregá-la a um eventual parceiro estratégico».

6ª Assembleia de Vila Franca de Xira Estruturar organização reforçar influência

Com a presença de 170 delegados, eleitos em 21 plenários, e várias dezenas de convidados, realizou-se no dia 31 de Maio a 6ª Assembleia da Organização Concelhia de Vila Franca de Xira do PCP.

A 6ª Assembleia de Vila Franca teve como objectivo discutir e aprovar as orientações que permitam ao PCP no concelho criar um novo impulso na organização, definir a direcção para a actividade do Partido nos próximos dois anos, de forma a aumentar a sua influência política, social e eleitoral, e eleger uma nova Comissão Concelhia.

O documento distribuído aos delegados serviu de base à discussão que, fundamentalmente, girou em torno do reforço do Partido no plano orgânico, ideológico e do trabalho de direcção.

O PCP é «uma força insubstituível, com características e objectivos diferentes dos outros partidos» considera a 6ª Assembleia,

que aposta no reforço do PCP, no seu rejuvenescimento e numa cada vez mais estreita ligação aos problemas e à vida do concelho com vista a alteração da política negativa que está a ser seguida local e nacionalmente.

A preparação ideológica dos quadros, a divulgação das propostas dos comunistas, a difusão do «Avante!», «Militante» e demais imprensa do Partido, foram questões analisadas com vista a manter e aperfeiçoar a estrutura de direcção e reforçar a intervenção do Partido.

Trinta intervenções abordaram, ao longo da Assembleia, diversas áreas de trabalho, tendo ficado decidida, entre outras medidas, a constituição no âmbito da Comis-

são Concelhia de um organismo para o trabalho das Autarquias e um conjunto de comissões e grupos de trabalho que possibilitem o aprofundamento do conhecimento e dinamização da actividade política e social.

Ao nível das autarquias locais, a Assembleia magna dos comunistas de Vila Franca decidiu «estruturar o trabalho do Partido para a valorização do papel dos eleitos da CDU, como direcção essencial a prosseguir para recuperarmos as posições que detínhamos no concelho», e, de acordo com o que têm vindo a discutir, «melhorar o trabalho de informação», designadamente através da conjugação do trabalho do Partido com o da CDU.

Uma vertente do trabalho que mereceu particular atenção da Assembleia foi a acção do Partido junto da classe operária e dos trabalhadores, tendo sido considerado fundamental o esclarecimento,

a organização e a mobilização dos trabalhadores «para a luta contra a actual ofensiva do grande capital em cumplicidade com o Governo PS, visando a restauração total do seu poder económico e político».

O rejuvenescimento do Partido - com o recrutamento e mobilização de quadros jovens e o reforço da JCP -, foi outra importante orientação saída da 6ª Assembleia que, para dirigir a sua actividade nos próximos dois anos, elegeu uma Comissão Concelhia composta por 63 elementos, o mais novo dos quais com 19 anos.

Os trabalhos da Assembleia foram encerrados por José Casanova, membro da Comissão Política que, na sua intervenção, fez a análise da situação política e social e das principais tarefas que neste momento se colocam aos comunistas, designadamente a batalha pelo Sim no referendo de 28 de Junho sobre a despenalização da Interrupção Voluntária da Gravidez.



A reunião constatou condições de recrutamento de jovens trabalhadores para o Partido.

Direitos dos trabalhadores Novas gerações mais conscientes

Integrada na campanha «Valorizar o trabalho e os trabalhadores, defender e concretizar direitos», realizou-se no passado dia 3 de Junho, no Centro de Trabalho Vitória, com a presença do Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, a primeira reunião com «as novas gerações de trabalhadores».

A reunião, que teve a presença de cerca de oitenta militantes e alguns independentes, procurou definir uma linha de intervenção específica do Partido para o trabalho junto desta camada específica de trabalhadores: jovens mal remunerados, com carreiras sem perspectivas de grande progresso e com vínculos de trabalho precários.

Durante o debate, que foi muito participado, foram realçadas pelos presentes as condições existentes para o trabalho do Partido junto dos jovens trabalhadores, cada vez mais conscientes do mundo e do meio laboral onde se inserem.

Foram também referidas as boas condições que existem para o recrutamento de jovens trabalhadores para o PCP, sendo sublinhado por alguns dos presentes que um menor recrutamento que possa existir é mais por omissão do trabalho dos comunistas que por reais dificuldades.

E, a confirmar esta afirmação, uma operária independente que participava na reunião aproveitou a ocasião para se inscrever no Partido.

Carlos Carvalhas encerrou os trabalhos deste primeiro encontro que, considerado como «um primeiro passo», serviu para lançar um trabalho que vai continuar com regularidade e com organização específica nas empresas e vários sectores profissionais.

A confraternização não terminou, porém. Prosseguiu com um jantar-convívio realizado no terraço do Centro de Trabalho Vitória.

Loures

Assembleia elege concelhia

A Organização de Loures do PCP realizou, no dia 30 de Maio, a sua 8ª Assembleia Concelhia.

Sob o lema «Novo Impulso com o Povo de Loures», os comunistas do segundo maior concelho do País, numa Assembleia com mais de 300 participantes, elegeram uma nova Concelhia, integrada por 94 membros ligados à organizações locais, autarquias, colectividades, associações e movimentos sociais existentes no concelho.

A Assembleia foi precedida pela realização de 5 assembleias de freguesia e da célula dos trabalhadores comunistas da Câmara. Até final do ano vão realizar-se Assembleias nas restantes freguesias do concelho.

A resolução política aprovada consagrou a constituição de seis organismos intermédios de

coordenação de zona e de 15 comissões e grupos de trabalho que abarcam as prioridades da acção partidária no concelho.

A Assembleia aprovou ainda uma proclamação que aponta para uma grande campanha de esclarecimento e de acção em torno do referendo da IVG.

José Casanova, membro da Comissão Política que encerrou a Assembleia, falou sobre o crescimento das desigualdades e da injusta distribuição do rendimento nacional, da semelhança da política de direita do PS com a que o PSD desenvolveu, razão por que o PS não poderá ser con-

siderado como partido de esquerda.

Referiu ainda que «o pensamento único» que se tenta impor não trará a luta pela justiça, «tal como Galileu e a sua teoria sobre o movimento da terra sobreviveram aos que então impunham o contrário.»

Escândalo nas cobranças da água

O Gabinete de Imprensa do PCP «dando voz à justa indignação e revolta de muitos consumidores» de água, reclama em nota divulgada à comunicação social, no passado dia 3, «a urgente clarificação do Decreto-Lei 29/98 de 11 de Fevereiro, que aprovou o novo Regulamento das Custas dos Processos Tributários».

dadeiro «escândalo» -, é feito em termos tais que «os atrasos no pagamento de facturas de água estão a ser gravosamente penalizados como se de execuções fiscais se tratasse», diz o PCP.

E, «para se ter uma ideia do escândalo, da violência e da injustiça que está a ser praticada na base deste Decreto-Lei

da responsabilidade do Governo e que diversas autarquias (nem todas) têm vindo a aplicar», refere «o exemplo concreto de uma factura de água do valor de 3.050\$00 cujo prazo de pagamento terminou em 15 de Abril passado, e que, 45 dias depois, já só pode ser liquidada pagando cerca de 14 contos!»

Os atrasos no pagamento de facturas de serviços públicos podem acontecer por mera inadvertência ou distração, recordam os comunistas, pelo que importa sublinhar tratar-se de um «completo absurdo que atrasos no pagamento de factura de água, em vez de sofrerem o normal agravamento de juros de mora, sofram agravamentos ou multas de 460%.»

«Revelador dos verdadeiros intuítos desta alteração decidida pelo Governo» é ainda, para o PCP, o facto de estas acréscidas receitas reverterem integralmente para a Direcção Geral de Contribuição e Impostos e para o Estado, «apesar de se tratar de contratos entre os

consumidores e as autarquias locais.»

Assim, o PCP, protestando contra esta «clamorosa injustiça, ilegalidade e inconstitucionalidade», reclama a «rectificação desta situação com

a restituição das importâncias indevidamente cobradas. Neste sentido, o PCP tomará na Assembleia da República as medidas necessárias para pôr termo a esta situação».

CAMARADAS FALECIDOS

Estes regulamento - um ver-

Carlos Batista Lobato

Faleceu, com 74 anos, o camarada Carlos Batista Lobato, residente do Barreiro. Estava organizado no Bairro 6 da freguesia do Barreiro. Enquanto operário da CP, foi um destacado militante na luta antifascista, tendo estado várias vezes preso. Durante muitos anos participou na distribuição do «Avante!» no concelho.

zação Concelhia de Santa Maria da Feira. Activista no movimento associativo, era membro da Comissão Concelhia da Feira.

Raul Martins de Oliveira

Faleceu, no dia 2 de Junho, com 60 anos de idade, o camarada Raul Martins de Oliveira. Militante do PCP desde 1978, fazia parte da Comissão de Freguesia de Arrentela, Seixal. Era um grande activista e divulgador do «Avante!». Fazia parte da direcção do Núcleo do Concelho do Seixal da União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP).

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Manuel Moreira Cadete

Após prolongada doença, faleceu no dia 26 de Maio, com 52 anos, o camarada Manuel Moreira Cadete, pequeno industrial da cortiça. Destacado militante comunista, muito prestigiado na freguesia da Lourosa, onde residia, no seu funeral integraram-se muitos amigos e camaradas da Organi-

Madeira quer mais canais de TV

O PCP/Madeira está determinado a lutar pela ida de todos os canais de televisão nacionais para a Região, nomeadamente os canais privados TVI e SIC.

Solidário com esta luta está também o Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia da República, votando contra a proposta do PSD no sentido de dar «um espaço de dois anos» à SIC e à TVI para alargarem as suas emissões à Madeira e aos Açores, prazo findo o qual, caso estas cadeias de televisão não tivessem cumprido o estipulado, o Governo «como castigo» fecharia a sua emissão.

Ora o que os madeirenses querem - e o PCP acompanha - é que esse alargamento seja imediato, uma vez que existem condições técnicas para isso. Nesse sentido que o Grupo Parlamentar do PCP está a preparar novas propostas a apresentar na AR.

Recenseamento eleitoral



O processo de limpeza dos cadernos eleitorais está longe de se encontrar concluído.

Esta é a opinião do Grupo Parlamentar do PCP, partilhada pelos restantes partidos da oposição, no decorrer do debate de urgência que sobre a matéria teve lugar numa das sessões plenárias da passada semana. Em nome do PCP, que suscitou o agendamento, o deputado Luís Sá lançou sérias dúvidas em relação ao alcance da operação, tendo lembrado que já em 1991 o número de eleitores fantasmas se estimava entre cinco e seis por cento. Passados sete anos, acrescentou, tornou-se evidente que o problema "não se resolve com a eliminação de 430 mil eleitores". Esta incorrecção pode significar, no entender de Luís Sá, "injustiças nas eleições legislativas e autárquicas, nas verbas dos municípios e freguesias e pode fazer-se tábua rasa de referendos como se não houvesse uma participação mínima que até pode ter havido".

Projecto do PCP aprovado



O Parlamento aprovou, por unanimidade, um projecto de lei do PCP que integra os traba-

lhadores do Centro de Protecção Contra os Riscos Profissionais no Regime Jurídico da Administração Pública. Com esta iniciativa, resolvida será a situação de cerca de centena e meia de trabalhadores daquela instituição que há muito aguardavam, em resultado de uma injustificada indefinição, a sua integração no referido regime.

Relatório sobre a droga



O plenário apreciou o Relatório da Comissão Parlamentar de Acompanhamento da Toxicodependência, presidida pelo deputado comunista António Filipe, no qual se inscreve, entre outras recomendações ao Governo, o alargamento da informação e formação no âmbito da prevenção primária.

Resultado de um trabalho de mais de dois anos, o relatório aponta ainda a necessidade de "investir e aprofundar a investigação epidemiológica no campo da toxicodependência", lembrando simultaneamente a necessidade de "programas especiais para grupos de risco, nomeadamente onde as carências económicas e sociais são terreno fértil para a programação da toxicodependência". No decorrer do debate, Bernardino Soares, em nome da bancada do PCP, congratulou-se com a apresentação do Relatório e recordou que a Comissão é hoje um "interlocutor considerado entre todas as entidades e instituições que trabalham nesta área".

Em causa pensões de aposentação degradadas

PS e direita persistem na injustiça

O PS inviabilizou o projecto de lei do PCP que preconizava a actualização das pensões de aposentação degradadas, em particular as dos professores mais idosos. Debatido e votado na passada quinta-feira, em agendamento potestativo da bancada comunista, o diploma foi rejeitado com os votos contra do PS. PSD e PP optaram pela abstenção.

No final, entre as dezenas de aposentados presentes nas galerias, na sua grande maioria professores, era visível a frustração e o descontentamento. Depois de tantas promessas, era outro, legitimamente, o desfecho por si aguardado. E não custa compreender que assim fosse, quando, em causa, tão só, estava o objectivo de pôr termo à enorme injustiça social provocada pela degradação das pensões dos funcionários da administração pública que se aposentaram antes da entrada em vigor do novo sistema retributivo, em 1 de Outubro de 1989.

Assim o não entenderam as restantes bancadas. E a responsabilidade maior pela manutenção desta flagrante situação de injustiça vai, como não podia deixar de ser, para o PS. Ainda há pouco mais de um ano reconhecendo ser esta uma

situação "injusta e insustentável", veio agora, com "incomodidade e má-consciência", como observou o deputado comunista José Calçada, revelar a "real falta de vontade política para dar o primeiro passo ou um primeiro sinal no caminho da superação de tão trágicas situações sociais e humanas".

Uma tal "hipocrisia social", como lhe chamou José Calçada, não é, porém, um exclusivo do PS. Neste plano, pode dizer-se, o CDS/PP não lhe fica atrás. Muito crítico, Octávio Teixeira, comentando para o "Avante!" o sentido de voto dos populares, releveu o facto de a demagogia do PP mostrar que quando estão em causa "intuítos e objectivos populistas" vertidos em diplomas seus, "nunca se colocam dificuldades orçamentais". Diversamente, quando se trata de

"Há hoje professores aposentados no topo das suas carreiras, com mais de 40 anos de serviço, que recebem tanto como um professor no início da sua carreira"

Luísa Mesquita

"A posição do Governo e do PS surge literalmente ao arrepio de promessas eleitorais, de compromissos assumidos em sede do programa do Governo e até de posições tomadas por deputados socialistas"

José Calçada

"iniciativas legislativas apresentadas por outros partidos, visando resolver problemas sociais", observou, "desculpasse sempre com incapacidades financeiras do Orçamento".

O PSD, que também há aproximadamente um ano chegou a reconhecer a injustiça criada, num acto de contrição, lembrado pela deputada comu-



Os pensionistas só encontraram no grupo parlamentar comunista quem os defendesse na Assembleia da República

nista Luísa Mesquita, veio agora hipocritamente justificar a abstenção com a "falta de estudos exaustivos respeitantes aos custos da actualização das pensões no âmbito de toda a Administração Pública".

Ao longo do debate, os deputados comunistas alegaram que a actualização das pensões de aposentação teria um reduzido encargo anual para o Estado, na ordem dos 25 milhões de contos.

No que respeita aos professores reformados antes de 1989, também eles não beneficiados pela introdução do novo sistema retributivo e a viverem uma situação que assume particular gravidade -

o número de contemplados pelo diploma não ultrapassaria nunca os oito mil, conforme assinalou Luísa Mesquita.

Com "pensões de miséria", de acordo com os números por si referidos, em Dezembro último, estavam três centenas de antigos professores com idades compreendidas entre os 80 e os 92 anos. Ainda em termos etários, juntam-se cerca de mil antigos docentes com idades entre os 70 e os 82 anos.

Em relação ao universo de docentes para o qual o PCP pretendeu legislar, recorde-se, encontram-se cinco mil professores primários, dois mil do Ensino Secundário e 217 do Superior.

Confirmadas acusações do PCP

Seguradoras violam a Lei

O Governo manifestou a intenção de alterar a norma que tem permitido que as Companhias de Seguros violem a lei que dispõe que o valor seguro dos veículos deverá ser automática e periodicamente actualizado, ajustando o respectivo custo do seguro (prémio) à desvalorização da viatura. Em causa está uma norma do Instituto de Seguros de Portugal (ISP) - entidade tutelada pelo Ministério das Finanças - a coberto da qual as seguradoras, na sua grande maioria, têm subvertido o sentido da Lei.

Ao tomar esta decisão, anunciada na comissão parlamentar de economia pelo ministro-adjunto José Sócrates - que assim se viu na contingência de reconhecer que o ISP adoptou um procedimento que viola os direitos dos consumidores -, o Governo vem finalmente dar razão ao Grupo Parlamentar do PCP.

Com efeito, recorde-se, foi o Grupo comunista a única força política a chamar a atenção, pouco depois da legislação entrar em vigor, em Março último, para o facto de a realidade ser muita diversa da anunciada pelo Governo, isto é, de os portugueses em vez de irem pagar menos pelo seguro do seu automóvel, ao invés, irem pagar mais.

"Nos telefones como no seguro automóvel afinal a baixa... é para cima!", disse então no Parlamento, em declaração política, o deputado Lino de Carvalho, convidando o Governo a esclarecer quem andava a enganar quem, uma vez que, especificou, ou foi o Executivo a "enganar os portugueses" ou eram as companhias de seguros que estavam a violar a Lei e, nessas circunstâncias, impunha-se actuar sobre elas.

O que já resultava claro, pois, como acusou a bancada comunista, é que as segurado-

ras estavam efectivamente a contrariar a Lei em manifesto prejuízo dos consumidores, servindo-se para o efeito de um estratagem na fórmula de cálculo para o estabelecimento do prémio.

Deste modo têm vindo a conseguir torpear os dispositivos legais, em frontal violação dos mesmos, contando para tanto não apenas com a ajuda da própria Lei - dadas as ambiguidades e fragilidades que o texto enferma -, como também com a referida norma do Instituto de Seguros de Portugal que favorece escandalo-

samente a prática das seguradoras e a leitura que fazem da situação.

Isto, aliás, só também é possível na medida em que existe, como sublinhou ao "Avante!" Lino de Carvalho, uma promiscuidade entre as entidades reguladoras do mercado - o Instituto de Seguros de Portugal - e as companhias de seguros. A demonstrá-lo está o facto de, sistematicamente, os presidentes daquele Instituto transitarem para as seguradoras e vice-versa. É disso exemplo o anterior presidente do ISP, Diamantino Marques,

agora na "Global", uma das empresas infractoras.

Em consequência, o que efectivamente tem vindo a suceder é que os portugueses estão ou a pagar mais ou a não beneficiar com o grau anunciado da desvalorização automática que a Lei prevê. Por outro lado, estão a pagar o prémio de seguro com base num valor definido no início da anuidade, sendo que, em caso de acidente, o valor da indemnização recebida não corresponde a esse valor, mas sim ao valor da viatura, entretanto desvalorizada, no momento do sinistro.

Favorecimento de grupo económicos

Aprovado inquérito proposto pelo PCP

A Assembleia da República aprovou o pedido de inquérito parlamentar do PCP aos actos dos governos PS e PSD envolvendo o Estado e grupos económicos. A viabilização foi obtida com a abstenção do PS e voto favorável de todas as restantes formações parlamentares. Os casos de favorecimento do Estado a grupos económicos privados vão assim ser investigados pela Assembleia da República por duas comissões de inquérito separadas, uma vez que, em 7 de Maio último, uma outra com idêntico objectivo, proposta pelo PSD, foi então aprovada com vista a apreciar "os actos do Governo e das suas orientações de parceria em negócios envolvendo o Estado e interesses privados".

Peripécias várias marcaram, entretanto, o momento da votação do pedido de inquérito do PCP. O que se esperava ser como habitualmente um curto período de votações, transformou-se, por

força das constantes interpelações do PSD, num prolongado debate que se arrastou por cerca de duas horas.

A bancada socialista, que se havia manifestado contra a existência de duas comissões de inquérito a funcionar em paralelo sobre o mesmo assunto, acabou por se deixar "embrulhar" na teia urdida pela bancada laranja, cometendo o colossal de inviabilizar uma proposta de substituição do PCP que preconizava, diferentemente da sua proposta original, a fusão das duas comissões de inquérito.

Manteve-se assim a proposta inicial do PCP, o que significa que vai mesmo haver duas comissões parlamentares de inquérito a funcionarem em simultâneo, com objectos semelhantes. A diferença reside no facto de a proposta pelo PCP também abranger os Governos de Cavaco Silva, não se limitando ao executivo PS.

NACIONAL

Dia Mundial do Ambiente assinalado por todo o País

O Dia Mundial do Ambiente foi assinalado, sexta-feira passada, com diversas iniciativas realizadas um pouco por todo o País.

O Partido Ecologista "Os Verdes", em conferência de imprensa realizada no Café Amadeus, em Setúbal, abordou a questão do sistema de tratamento de águas residuais, nomeadamente da Península de Setúbal.

"Os Verdes" procederam, de seguida, à distribuição de um documento à população e colocaram faixas junto às instalações da Direcção do Parque Natural da Arrábida e da SECIL-Setúbal, no sentido de protestar contra a eventualidade do governo decidir queimar resíduos industriais naquela cimenteira, em plena área protegida.

Em Lisboa, a autarquia comemorou este dia no Par-

que Ecológico de Monsanto, com actividades desportivas e iniciativas de animação e educação ambiental, em que participaram cerca de 600 crianças do ensino básico.

No Porto, as crianças puderam participar em actividades desportivas e lúdicas na Praça Mousinho de Albuquerque, uma iniciativa que incluiu um espectáculo de música e jogos didácticos sobre a água e o ambiente.

As crianças e jovens foram ainda o público alvo das celebrações do Dia Mundial do Ambiente na Maia, Valongo, Vila Franca de Xira e Torres Vedras, entre outras cidades, com iniciativas que visam sensibilizar os mais novos

para a importância da preservação do meio ambiente.

Em Almada, a Câmara Municipal organizou uma Semana do Ambiente, que inclui duas exposições - *Verd'Almada* e *O lixo já não é só lixo*; uma iniciativa com crianças das escolas, na Arriba Fóssil e Fonte da Telha, *O trilho de descoberta da natureza*; uma *Festa Ambiental*, na praia de S. João da Caparica, em que alunos e professores apresentaram os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano alusivos ao tema dos Oceanos; um encontro subordinado ao tema "O Litoral", que se integra no ciclo de encontros *A comunidade educativa e o ambiente*.

Em Santiago do Cacém, a Câmara Municipal promoveu a apresentação e discussão pública do relatório prelimi-



As crianças foram o principal grupo envolvido nas diferentes actividades que marcaram o Dia Mundial do Ambiente

nar do *Diagnóstico Ambiental* do concelho. O diagnóstico constitui uma das fases de elaboração do Plano Municí-

pal do Ambiente, que é um instrumento de análise e intervenção, que se pretende afirmar como um contributo

na prevenção e resolução de problemas ambientais e na gestão sustentada do território.

IVG

CGTP-IN toma posição

"Há que enfrentar sem hipocrisias que o aborto ilegal e inseguro continua a ser um problema dos mais graves de saúde pública no nosso país", afirma a CGTP-IN, em posição pública, agora divulgada, sobre o referendo de dia 28, em que se apela ao esclarecimento e

mobilização pelo *Sim* à despenalização da Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG).

O documento da intersindical sublinha a necessidade de "pôr termo à falta de verdade social", pois "sempre existiu uma atitude de tolerância complacente da sociedade com o

aborto à custa da saúde e da vida das mulheres agindo-se, no entanto, como se este problema não existisse, penalizando-o criminalmente".

Defendendo a despenalização da IVG, a CGTP-IN considera que "os serviços de saúde, devem ser apetrechados para responder de uma forma eficaz, humana e imparcial ao desenvolvimento de todo o processo" de IVG e que é necessário que se universalize o planeamento familiar e se invista em programas de educação para a saúde e educação sexual junto das populações e dos jovens, "como elementos essenciais para realizar uma maternidade e paternidade desejada e consciente".

A concluir, a intersindical põe a tónica na IVG como "um problema de consciência colectiva" e apoia "os movimentos que defendem a tolerância, a igualdade de tratamento de todas as mulheres face a este preocupante problema de saúde pública e defendem a descriminalização da IVG".



Os jovens têm tido participação activa no movimento pela legalização da IVG

Sim pela tolerância abre novos núcleos

O movimento pela despenalização do aborto *Sim pela tolerância*, tem vindo a alargar a sua acção por todo o país, abrindo diversas sedes, do Minho ao Algarve.

Braga, Viseu, Évora e Faro são alguns dos núcleos constituídos a semana passada e que, como movimento plural, reúnem o apoio de dezenas de personalidades.

O núcleo de Évora, que conta com apoios como o do escultor João Cutileiro, do presidente da Câmara, Abílio Fernandes e do reitor da Universidade, Jorge Araújo, irá realizar um comício no próximo dia 16.

No espaço aberto em Faro, estão expostos diversos trabalhos oferecidos ao movimento por pintores da região.

Entretanto, hoje, em Nisa, Antonia Tomazini, dirigente do Forum Delle Donne do Partido da Refundação Comunista de Itália, participará num encontro com mulheres nissenses, onde apresentará a experiência italiana de despenalização da interrupção voluntária da gravidez.

Antonia Tomazi teve uma intervenção activa no processo de consagração em lei da despenalização do aborto em Itália.

JCP com trabalhadores do Colombo

A Organização Distrital de Lisboa da Juventude Comunista Portuguesa realizou, no

passado dia 3, uma jornada de contactos com os trabalhadores do Centro Comercial Colombo.



Reunião debate, no Vitória, com Carlos Carvalhas. Uma iniciativa que se inscreve na campanha "Valorizar o trabalho e os trabalhadores, defender e concretizar direitos", em que a JCP tem vindo a participar

Os contactos realizados centraram-se fundamentalmente nas questões de salários e precarização, problemas particularmente sentidos entre os jovens trabalhadores.

Esta iniciativa - que contou com a participação do deputado e membro da Comissão política da JCP Bernardino Soares - insere-se na Campanha *Valorizar o trabalho e os trabalhadores, defender e concretizar direitos*, que o PCP está a desenvolver.

FENPROF apoia luta Pela renovação da FAL

Os estudantes da Faculdade de Arquitectura de Lisboa (FAL) estão em luta por uma escola "regenerada". Alunos, docentes e funcionários pedem uma sindicância para acabar com as irregularidades da instituição e a Associação de Estudantes elaborou um abaixo-assinado dirigido ao Ministério da Educação que pede a sua intervenção para "repor a legalidade".

Em comunicado agora divulgado, a Federação Nacional dos Professores (FENPROF) lembra a posição pública tomada em Janeiro, de denúncia da grave situação que se vive na FAL e as iniciativas que tomou junto do ME, Procuradoria Geral da República, Provedor ia da Justiça, Inspeção Geral da Educação e Reitoria da Universidade Técnica

de Lisboa, tendo em vista, essencialmente, dois *objectivos*:

- a instrução de um *inquérito* à Faculdade "de modo a que sejam apuradas as ilegalidades cometidas e sejam propostos os correspondentes processos disciplinares aos seus responsáveis".

- a *substituição do poder instalado* na Faculdade por outro "que dê garantias de reposição do primado da legalidade, recorrendo-se, se necessário, a elementos exteriores à Faculdade cuja estatura humana e académica dê garantias de dignidade e isenção no exercício dos respectivos cargos".

A FENPROF reafirma a sua solidariedade com a luta dos estudantes por uma *Nova Faculdade de Arquitectura*,

"apoia as suas reclamações de realização de uma sindicância à Faculdade e secunda o seu pedido de intervenção do Ministério da Educação".

Sublinhando sempre ter defendido a Autonomia Universitária, a FENPROF exige "que ela seja exercida de forma responsável" e entende que o ME, "como garante do primado do interesse público nos estabelecimentos de ensino que tutela, não pode mais continuar a assistir à degradação da situação da Faculdade de Arquitectura, escudando-se na Autonomia Universitária.

"Perante a grave situação que se vive na Faculdade de Arquitectura de Lisboa, já chega de hesitações, que correm o forte risco de se confundirem com cumplicidades", conclui o comunicado.

Indonésia

Contestação volta à rua



As esperanças de reforma do sistema após a substituição de Suharto pelo seu braço direito, Habibie, se as houve, deram já lugar à desilusão. Na Indonésia, a batalha política escapa ao controlo dos partidos situacionistas e volta a travar-se nas ruas.

A semana passada, milhares de pessoas voltaram a concentrar-se em frente ao Parlamento indonésio, exigindo o julgamento de Suharto, o afastamento de Habibie e a realização de eleições. O significado da manifestação é tanto maior quanto ocorreu após o general Wiranto, chefe do Exército e ministro da Defesa, ter pedido ao povo que respeite o expresidente, que a pressão popular levou a afastar-se em 21 de Maio.

Mas a saída de cena do velho ditador não se traduziu nas mudanças esperadas. Com excepção de alguns sinais de abertura, mais aparentes do que reais, o regime de Suharto manteve-se intacto e a política que Habibie se propõe seguir não é diferente da anterior. No controlo do poder permanecem os mesmos homens fortes do regime ditatorial, as prisões mantêm-se fechadas para centenas de opositores, as medidas económicas continuam a flagelar a pauperizada população, a promessa de eleições parece já uma miragem.

Em recentes declarações à cadeia de televisão norte-americana CNN, Habibie deixou claro que não tenciona abandonar o poder antes do final de 1999,

admitiu candidatar-se a futuras eleições e reafirmou o seu apoio à política seguida em relação a Timor-Leste, que considera uma província da Indonésia.

Nada de novo, portanto, no horizonte de um povo subjugado há mais de três décadas pela opressão e exploração.

A única novidade, que só confirma o carácter do regime, foi dada pela Comissão Nacional de Direitos Humanos, um organismo oficial, que a semana passada divulgou o número de mortos resultante dos distúrbios de Maio: 1.188, mais do dobro do apontado na altura pelo Exército.

Segundo a Comissão, a violência deveu-se a factores sócio-culturais entre diferentes sectores da sociedade indonésia, bem como à demora na resposta por parte das forças de segurança e a provocações de grupos que não identifica. O mesmo organismo aponta como principais causas dos distúrbios a corrupção do Governo, a riqueza da minoria chinesa, a barreira sócio-cultural entre as diferentes etnias, que degenerou em casos de racismo, e a inadequada resposta das forças de segurança quando os distúrbios se generalizaram.

Angola

Novas ameaças ao processo de paz

O Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN) de Angola está em risco de dissolução - o que põe de novo em causa o processo de paz -, devido à persistente recusa da Unita em levar à prática os compromissos assumidos nos acordos de Lusaca. Em causa está a desmilitarização do movimento de Jonas Savimbi, que continua por fazer, e a efectiva extensão da autoridade do Estado a todo o território angolano.

Em vésperas da 34ª cimeira da Organização de Unidade Africana (OUA), que esta semana se realiza em Uagadugu, o vice-ministro angolano das Relações Exteriores e titular em exercício do cargo, João Miranda, debateu com o seu homólogo português eventuais medidas contra a UNITA pelo Conselho de Segurança, a que Portugal preside este mês.

Segundo João Miranda, o desrespeito pelos acordos referentes às questões militares põe «em perigo as conquistas políticas que se fizeram no âmbito do Protocolo de Lusaca», embora o Governo de Luanda considere que este «continua e vai continuar a ser o quadro político, jurídico e até legal para a resolução do problema angolano».

Para aquele governante, a situação actual é «perigosíssima em Angola, conforme constatado recentemente pelas Nações Unidas», dado que «a UNITA mantém intacto um forte contingente de tropas disposto a ser movimentado em qualquer altura, como aliás já foi feito». Compete à ONU tomar posição mais activa para solução da crise, sem o que a situação poderá ganhar outros contornos», disse.

Após conversações com o seu colega angolano, o ministro Jaime Gama disse que Portugal segue «com muita preocupação a situação em Angola», garantindo que na qualidade de presidente do Conselho de Segurança, Portugal vai accionar «uma alta prioridade para o dossier Angola, para que a ONU intervenha de forma decidida no sentido de permitir a realização de passos concretos nesta etapa final do processo de paz, que infelizmente de vez em quando encontra obstáculos de monta».

Kosovo

Albânia quer intervenção da NATO

Os confrontos no Kosovo estão a provocar uma vaga de refugiados para a Albânia, que clama cada vez mais insistentemente por uma intervenção da NATO naquele território sérvio.

A situação no Kosovo vai estar em debate na próxima sexta-feira, dia 12, em Genebra, onde se realiza uma reunião ministerial do Grupo de Contacto sobre a ex-Jugoslá-

via. Esta reunião decorre à margem do encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros do G8 prevista para o mesmo dia em Londres, onde o tema deverá igualmente ser tratado. O Grupo de Contacto é composto pelos Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Grã-Bretanha, Itália e a Rússia, enquanto o G8 integra, para além destes países, o Japão e o Canadá.

Nunca carta dirigida aos países do Grupo de contacto, o governo albanês reclamou há dias «medidas enérgicas», políticas e militares, contra Belgrado, que acusa de estar a levar a cabo uma campanha de limpeza étnica.

Sem porem em causa a legitimidade da luta armada dos independentistas do Kosovo - a maioria da população da região é de origem

albanesa, mas constitui um minoria a nível nacional -, as autoridades albanesas apontam todas as baterias contra Belgrado, chegando ao ponto de afirmarem: «esperamos tudo dos sérvios, até mesmo perseguirem os rebeldes no nosso território ou outra coisa qualquer, ainda mais grave», como disse Vladimir Prela, conselheiro do Presidente albanês.

Entretanto, em Pristina, manifestantes albaneses reclamaram há dias a intervenção das forças da NATO no Kosovo. Agitando bandeiras albanesas, norte-americanas e da União Europeia, os manifestantes exibiam cartazes onde se podia ler: «NATO, o Kosovo arde» e «NATO, amanhã será demasiado tarde».

A NATO, cujos ministros da Defesa reúnem no fim da

semana em Bruxelas, garante estar a preparar todas as opções militares possíveis para pôr termo à crise, mas não tomou ainda qualquer decisão.

A Aliança não exclui uma intervenção militar no Kosovo, o que equivale a uma declaração de guerra a Belgrado e implica uma autorização do Conselho de Segurança da ONU.



A greve dos pilotos da Air France foi o ponto de partida para a onda de protestos

França
Protestos em Paris

A instabilidade social voltou à França na semana passada, com a greve dos pilotos da Air France e uma grande manifestação de trabalhadores de vários sectores económicos, que teve lugar em Paris, na quinta-feira passada.

Dezenas de milhares de pessoas juntaram os seus protestos e reivindicações e desfilaram pelas ruas da capital: os desempregados pedem um aumento dos subsídios, os funcionários da companhia eléctrica recusam a liberalização do mercado, os empregados do comércio recla-

mam o fim do trabalho ao domingo.

O ponto de partida desta nova onda de protesto foi a greve dos pilotos contra as implicações da abertura da Air France a capitais privados, concretamente contra o projecto de lei que prevê a cedência de 10 por cento das acções da empresa em troca de uma diminuição salarial global de 15 milhões de contos anuais.

«A direcção começou a modificar o seu ponto de vista e, em vez de propor uma simples baixa salarial, está a transformar a sua

proposta num pedido de ajuda e colaboração sobre o plano de investimentos», afirmou o porta-voz do Sindicato Nacional de Pilotos de Linha.

Os pilotos franceses manifestam-se ainda contra a discriminação salarial entre antigos e novos funcionários.

Esta greve foi vista como uma ameaça ao Campeonato Mundial de Futebol - que tem início amanhã. O ministro do Interior, Jean-Pierre Chevènement, levantou a hipótese de fretar aviões estrangeiros ou de usar pessoal da Força Aérea.

Os trabalhadores e a Expo'98

Do mergulho na à conquista do

Até 30 de Setembro decorre em Lisboa a última exposição mundial deste século. Desde a decisão da sua realização, foi radicalmente transformada a zona oriental de Lisboa. A sua construção e os trabalhos envolventes movimentaram milhões de contos e milhares de trabalhadores. O evento, com uma ampla repercussão pública, deverá ser visitado por alguns milhões de pessoas, entre os quais muitos estrangeiros. Na Expo'98, sob o signo dos oceanos e da sua preservação para bem da humanidade, é possível «mergulhar no futuro» e ter uma visão dos maiores avanços da ciência e da técnica.

E as pessoas, tão importantes e tão convenientes para discursos em período de campanha eleitoral, que lugar têm na Expo? Será que, do ponto de vista social e humano, quem desce na Estação do Oriente ou aporta à Doca dos Olivais pode observar semelhantes progressos?

Numa primeira abordagem desta questão, o «Avante!» entrevistou Arménio Carlos, coordenador da União dos Sindicatos de Lisboa, e Manuel Rodrigues, dirigente da USL e responsável pelo grupo de trabalho criado na estrutura distrital da CGTP para acompanhamento da Expo'98. Disseram-nos, por exemplo, que na Expo as leis laborais que o Governo quer alterar serviram perfeitamente de base para um acordo entre patrões e sindicatos...

I - A construção

«Avante!»: Que reflexos teve a construção da Expo'98 no volume e na qualidade do emprego, tanto no perímetro da exposição, como no distrito?

Arménio Carlos: A Expo'98 é incontestavelmente um evento de grande nível, nacional e internacional, de grande significado para o País e de particular importância para uma zona de Lisboa que estava extremamente degradada.

Quanto ao emprego... Aquela era a maior zona industrial do concelho de Lisboa e, segundo as nossas estimativas, com a construção da Expo desapareceram cerca de 25 mil postos de trabalho, num período de seis a sete anos e em toda a área envolvente.

Desapareceram mesmo, ou houve transferências para outros locais?

AC: Alguns foram transferidos, mas na sua esmagadora maioria foram extintos, pura e simplesmente. Várias empresas foram, pura e simplesmente, encerradas. Basta olhar para a Avenida Infante D. Henrique, desde a rotunda do Baptista Russo até Moscavide, que tinha uma grande concentração industrial e está hoje praticamente vazia.

Logo após ser conhecida a decisão de realizar ali a Expo, a USL alertou o então comissário Cardoso e Cunha para a necessidade de, em primeiro lugar, assegurar que algumas das empresas a transferir dali ficassem a funcionar dentro do con-

celho de Lisboa; em segundo lugar, salvaguardar os direitos dos trabalhadores nos casos de transferência de instalações; e, em terceiro lugar, procurar colocação no mercado de trabalho para os trabalhadores das empresas que viessem a encerrar.

Foram obtidos alguns resultados?

AC: Embora haja alguns exemplos interessantes, estes objectivos não foram atingidos na totalidade.

Numa segunda fase, a USL procurou garantir os interesses e os direitos dos trabalhadores, designadamente daqueles que iriam participar na construção da Expo. Propusemos um acordo sociolaboral à Parque Expo. O Governo de então e a administração da exposição, contudo, quiseram introduzir nesse acordo os princípios da flexibilidade e da polivalência, o alargamento dos horários de trabalho até 50 horas semanais e, simultaneamente, a alteração do período de férias. Jamais poderíamos subcrever um acordo daquele tipo.

Portanto, para o período da construção não houve acordo social?

AC: Não firmámos o acordo, mas conseguimos manter os contactos com a Parque Expo, ter informação e intervir, procurando melhorar as condições de vida e trabalho dos trabalhadores.

E foram conseguidas melhorias?

Manuel Rodrigues: Mas não houve assim tantas melhorias, quer quanto ao volume de emprego, quer quanto à sua qualidade.

Muitos dos trabalhadores tinham vínculo contratual efectivo a algumas das grandes empresas de construção civil e obras públicas, mas houve um número bastante elevado de pessoal colocado na Expo através de empresas de cedência temporária de mão-de-obra, sem vínculos contratuais e a laborar, muitas das vezes, nas situações mais precárias, a trabalhar à hora e com vencimentos que ficavam muito aquém do que lhes era prometido.

Nesta obra justificava-se, em alguma medida, a precariedade dos vínculos contratuais?

MR: Não há nada que justifique aqueles níveis de precariedade. A obra, realmente, tinha um prazo para ser concluída. Mas as empresas podiam recorrer a contratos a termo, por exemplo. Só que a maior parte dos subempreiteiros não foi por aí.

Ao admitirem trabalhadores à hora, ficava a porta aberta para uma série de fugas ao fisco, os direitos dos trabalhadores não eram respeitados, não havia pagamentos para a Segurança Social... Com a agravante de, em certos trabalhos, ser criada

uma cadeia de subempreitadas que ainda dificultava mais qualquer controlo.

Muita coisa se conseguiu, na denúncia e correcção de várias ilegalidades, através da acção sindical e depois da formação do grupo de trabalho da USL. Mas temos consciência de que, num universo de cerca de 7 mil trabalhadores que estavam na construção da Expo, muitos deles foram mantidos em situações irregulares até ao final da obra.

Se na construção trabalharam 7 mil...

MR: Houve uma grande ocupação de mão-de-obra na construção civil, mas não podemos dizer que a construção da Expo e as obras envolventes vieram aumentar o volume de emprego nem melhorar a qualidade do emprego. Acabada a construção da Expo e concluída a nova ponte, não está prevista nenhuma grande obra em Lisboa que vá conseguir empregar cerca de 10 mil trabalhadores.

Já têm informações sobre o que está a suceder com os trabalhadores que ali deixaram de ser necessários?

MR: Não temos. Julgamos que uma parte regressou às suas terras e estará em situação de desemprego. As obras do Metropolitano não absorveram trabalhadores da Expo nem da ponte Vasco da Gama. Alguns tinham intenção de ir trabalhar para o Alqueva, mas não temos informação segura sobre essa deslocação.

Arménio Carlos

“Com a construção da Expo desapareceram cerca de 25 mil postos de trabalho.

As empresas e os patrões estão a arrecadar lucros fabulosos.

Consideramos justo exigir que uma parte desta riqueza reverta para os trabalhadores. O acordo social na Expo'98 veio

provar que falta fundamento à intenção do Governo de alterar as actuais leis laborais.”





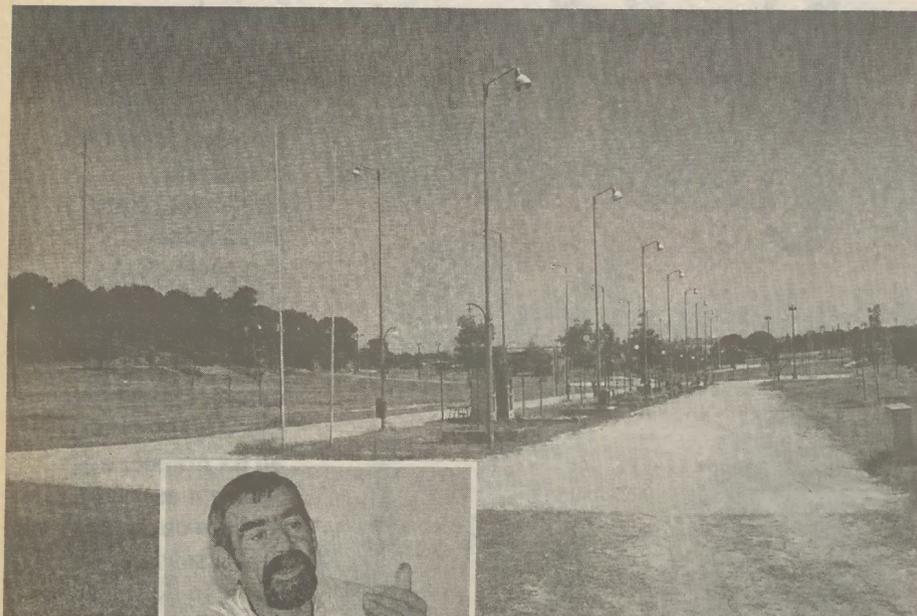
AMORA-SEIXAL

A festa!

4, 5 e 6 SETEMBRO



É a Festa, do *Avante!* para que fique com o seu nome completo, para que fique tudo dito: Festa do *Avante!*, Festa de pessoas, das pessoas que a fazem com as suas presenças, com a sua maneira de estarem presentes. Construída a pulso ali na Atalaia, na margem esquerda, no sítio certo, com as pessoas certas, que hão-de ser mais todos os anos para a Festa ser maior e ser melhor. Festa é Festa: a do *Avante!*, a que é de todos, a que é convívio marcado de ano para ano - encontro registado na agenda da memória da amizade, da camaradagem, da solidariedade - a que é cultura e desporto e música e comício e internacionalismo e debate e gastronomia e artesanato e arte e alegria e convívio. Ah!: e podemos levar farnel, e podemos comer as febras e sardinhas assadas na brasa, e podemos levar a esteira para estender na relva e nos deitarmos quando a Festa foi isso. Festa de toda a gente, dos jovens de dos não jovens, de homens de mulheres e de crianças, de amigos e de amigos a fazer, Festa de todos os que a querem Festa; a Festa; a Festa do *Avante!*.



A alameda principal vai ser asfaltada e a zona de entrada na Festa está a ser remodelada para se tornar mais agradável ao visitante



Uma festa construída a pulso

É domingo à noite. A Festa do *Avante!* acaba de encerrar. Com a saída dos milhares de visitantes começa um novo ciclo na Quinta da Atalaia. É preciso desmontar os pavilhões, arrumar tudo, limpar e tratar as mazelas deixadas no terreno — um trabalho que se prolonga por cerca de dois meses.

O filme da *Bela Cidade*, erguida à custa de milhares de horas de trabalho voluntário, anda agora para trás. Cortadas as amarras à navalha, os toldos coloridos que cobriam pavilhões esvoaçam sobre o solo. Amontoam-se chapas de madeira pintadas em mil tons e juntam-se as estruturas metálicas que serão de novo armazenadas, até daqui a um ano. Os construtores da Festa chamam-lhe desimplantação e, se para muitos é um momento desgostoso, alguns simplesmente não suportam ver «destruído» aquilo que com tanto esforço e carinho ajudaram a construir.

Não é o caso de Licínio de Carvalho, membro do Comité Central e responsável pela construção da Festa do *Avante!*. Como gosta de dizer «às vezes até a cavar descansos» e, embora pareça exagerado, a explicação convence: «quando chego aos dias da Festa estou

submetido a uma intensa pressão. Tudo tem de estar pronto a horas e há milhares de problemas a resolver. Não consigo sair desta sala para ir beber um café sem ser interpelado quatro ou cinco vezes. E é preciso dar resposta a tudo. É por isso que até gosto da desimplantação. Para mim começa o sossego, apesar de serem menos pessoas a trabalhar e haver muitas toneladas de material a transportar. Mas a verdade é que até descanso...».

Licínio de Carvalho está ligado à Festa desde a sua primeira edição em 1975, na Feira das Indústrias. Em 1980, começou a trabalhar a tempo parcial na sua construção e, a partir de 1984, dedicou-se a tempo inteiro a essa tarefa. Do seu espólio de histórias, recorda-se de um camarada, em 1979 ainda no Alto da Ajuda, que veio ter com ele com lágrimas nos olhos quando os pavilhões

começaram a ser desmontados e não aguentava ver a Festa ser «destruída» e essa era a única razão por que se ia embora.

Essa comoção continua a produzir-se, apesar dos esforços necessários não se compararem às verdadeiras epopeias dos anos em que a Festa transitou entre Jamor, Ajuda e Loures. «Todos os anos tínhamos de construir tudo de raiz», diz Licínio: «A construção envolvia milhares de pessoas, que vinham trabalhar voluntariamente, e era já uma grande festa».

Embora em menores dimensões, a construção continua a depender das muitas centenas de camaradas que todos os anos reservam muitos dos fins-de-semana do Verão para participar nas jornadas de trabalho. É certo que as infra-estruturas já existem — água, esgotos, sanitários, etc. — mas a Festa só se realiza graças ao trabalho militante e voluntário e ao envolvimento de todo o Partido na sua divulgação, na venda antecipada da EP, na construção e

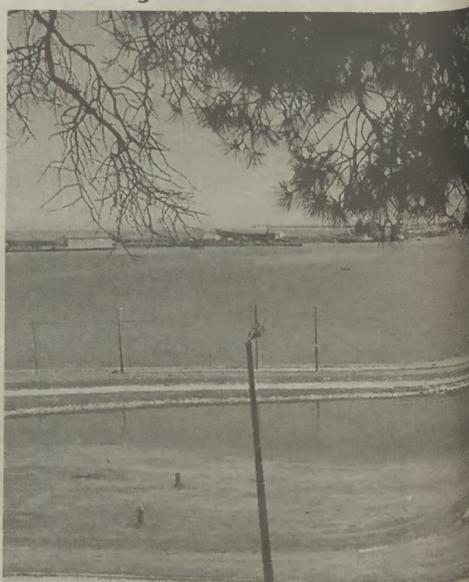
no seu funcionamento. Esta é de resto uma das suas principais características que a tornam numa realização única e distinta de todas as outras.

Com a compra da Quinta da Atalaia, em 1990, a Festa do *Avante!* ganhou um espaço fixo para a sua realização. Com um terreno infra-estruturado e dotado de vários

equipamentos permanentes, que foram aumentando progressivamente, a Festa ganhou qualidade e, de ano para ano, tem habituado os seus visitantes a melhoramentos sucessivos. Depois do arrelvamento, foi o polidesportivo, há dois anos foi a abertura da zona ribeirinha, este ano outros trabalhos

estão em curso para criar novas zonas de sombra, novos percursos pedonais e eliminar o pó com o asfaltamento da principal avenida. Vão ainda surgir novos balneários junto do polidesportivo e a entrada da Quinta da Princesa está a ser arrelvada e infra-estruturada para permitir a instalação de stands e do palco dos Novos Valores.

Jornadas de trabalho começam em Junho



Com o arrelvamento e infra-estruturação da área junto da Quinta da Princesa, a Festa ganhou um novo espaço com sombra

Sábado e domingo, dias 20 e 21 de Junho, começam as jornadas de trabalho na Festa. No fim-de-semana seguinte, as jornadas são interrompidas devido ao referendo sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez, começando em 4 e 5 de Julho. Os *habitúes* já

sabem como é: basta apresentarem-se no terreno e serão encaminhados para as zonas onde podem dar uma ajuda. Tudo o que é preciso é boa disposição, braços fortes ou vontade de os fortalecer. Um dia a trabalhar na Atalaia é sempre um ótimo momento de

convívio para quebrar a rotina e aliviar o stress do quotidiano. A Festa tem em particular necessidade de carpinteiros, montadores de estruturas, pintores, electricistas e canalizadores. Mas todos são precisos e bem-vindos. Não faltes. Ajuda a construir a Festa!



Depois da abertura da zona ribeirinha, onde rio e lago se juntam oferecendo uma vista deslumbrante, os novos caminhos permitem descobrir ótimos lugares para merendas ou para uma boa sesta



O trabalho nunca pára na Atalaia. E uma ajuda é sempre bem-vinda

**Sabes que podes comprar
agora a EP da Festa
com um desconto de
20 por cento?**

**Ah é?
Onde?
Vou já
comprar!**



**Compra já a tua EP
para a Festa
e poupa 500 escudos.**

**À venda por todo o País,
nas mãos dos militantes
e em todos os
centros de trabalho do PCP.**



■ Texto: Domingos Mealha, Fotos: Jorge Caria

Utopia progresso



E os trabalhadores imigrantes?

MR: Havia na Expo um elevado número de trabalhadores imigrantes, sobretudo africanos, mas também de outros continentes. Nestes casos, a ilegalidade da forma de contratação era agravada com a ilegalidade da sua estadia no País.

II – A exposição

De Maio até Setembro vão estar ocupados na Expo muitos trabalhadores de outros sectores, que não a construção. Qual a vossa apreciação sobre os impactos da ocorrência da exposição nesses ramos de actividade?

AC: Para nós foi fundamental, neste período de abertura da Expo'98 e com base na experiência anterior, procurar criar condições para preservar os direitos dos trabalhadores. Neste quadro, disponibilizámo-nos para negociar com a Parque Expo e as associações patronais.

É importante que um evento desta natureza seja, também pela positiva, uma referência para todo o País. Não é admissível que uma exposição deste tipo possa coabitar com a precariedade e com a exploração.

Essa foi, da parte da USL, a condição para iniciar negociações?

AC: O cumprimento da legislação laboral e das convenções colectivas de trabalho foi por nós colocado como primeira condição para qualquer negociação; em segundo lugar, exigimos que todos os trabalhadores e todas as entidades patronais fossem, conforme a lei, obrigados a descontar para a Segurança Social.

Reclamámos também que houvesse condições para o exercício da liberdade sindical. Conseguimos que a Parque Expo acreditasse dez dirigentes sindicais, dos sectores que vão ter ali mais trabalhadores, para nestes quatro meses puderem intervir dentro do perímetro da exposição. E vão-nos ser cedidas instalações adequadas para apoio ao trabalho dos dirigentes e a todos os trabalhadores.

Independentemente de serem ou não sindicalizados?

AC: Sim, até porque temos ideia de que, dos 3500 trabalha-

dores contratados para a Expo, talvez metade sejam jovens que têm agora o seu primeiro contacto com o mercado de trabalho. O movimento sindical e a CGTP não se podem limitar aos seus associados. Temos uma visão muito mais global: o movimento sindical existe para apoiar os trabalhadores e também é pela sua intervenção que há-de sensibilizar para a sindicalização aqueles que agora são confrontados com a primeira experiência no mercado de trabalho.

Estão já em condições de avaliar quais serão os principais problemas dos trabalhadores na Expo e das possibilidades de intervenção para que eles sejam resolvidos?

MR: Não. Ainda não começámos a trabalhar no terreno, só nos próximos dias é que os nossos dirigentes vão receber as creditações e também em breve serão atribuídas instalações. No entanto, prevejo que surjam algumas questões, designadamente quanto à organização dos horários, apesar de a Parque Expo nos ter informado de que serão cumpridos os contratos colectivos de trabalho e serão aplicadas as 40 horas semanais.

É apenas uma informação, ou existe alguma garantia formal nesse sentido?

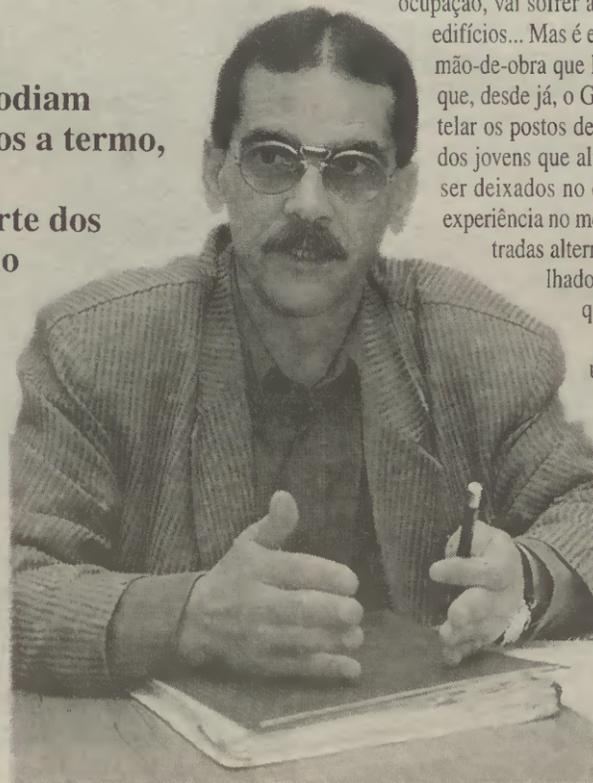
MR: Existe um acordo assinado entre a Parque Expo, na dupla qualidade de organizadora e entidade patronal, as associações patronais e as organizações sindicais. Contrariamente ao que sucedeu no período da construção, para o funcionamento da Expo foi possível chegar a acordo.

AC: Neste momento, a situação é diferente e nós subscrevemos um acordo para aplicar a este período de funcionamento da

Manuel Rodrigues

“As empresas podiam recorrer a contratos a termo, por exemplo. Só que a maior parte dos subempregados não foi por aí.

Não podemos dizer que a construção da Expo e as obras envolventes vieram aumentar o volume de emprego nem melhorar a qualidade do emprego.”



exposição. Aliás, é significativo que este acordo tenha sido aceite também pelas associações patronais e pela Parque Expo, já que o princípio que prevê é o do respeito pela actual legislação do trabalho e pela contratação colectiva.

O acordo social na Expo'98 veio provar que falta fundamento à intenção do Governo de alterar as actuais leis laborais, que afinal até servem perfeitamente como base para garantir a normalidade das relações de trabalho num evento com esta importância.

O acordo está firmado, agora vamos ter, realmente, que estar atentos e acompanhar a situação no terreno. A força e a credibilidade da intervenção da CGTP, da USL e dos nossos sindicatos na defesa dos trabalhadores exigem que, também da outra parte, haja a atenção necessária para que seja possível chegar a consensos por via da negociação e da discussão dos problemas.

Não há então motivos para recear que a Expo'98 vá ser afectada por alguma instabilidade laboral?

AC: Isso depende fundamentalmente da parte patronal. Se cumprir com as suas obrigações, certamente não haverá problemas. Se a parte patronal não cumprir o acordo que subscreveu conosco, naturalmente que corre o risco de que se crie instabilidade social e se possam desenvolver algumas acções de luta dos trabalhadores.

Esperamos que todas as partes cumpram mas, como dissemos claramente à mesa das negociações, vamos intervir para salvaguardar os direitos dos trabalhadores durante a Expo.

E também para reclamar aumentos salariais?

AC: Toda a gente já se apercebeu de que se praticam preços elevados, quer na Expo, quer em sectores como a hotelaria, que trabalham em íntima ligação com a realização da exposição. Mas é preciso sublinhar que não são os trabalhadores quem está a provocar o aumento dos preços e que são as empresas e os patrões que estão a arrecadar lucros fabulosos. Consideramos justo exigir que uma parte desta riqueza reverta para os trabalhadores.

III – O futuro

Quais as vossas preocupações relativamente ao que significará o fim da exposição?

AC: Pensamos que o Governo não pode limitar a sua intervenção à mera organização do evento. Os governos que decidiram realizar a Expo'98 em Lisboa assumiram a responsabilidade da colocação de milhares de pessoas no mercado de trabalho.

Terminada a exposição, aquele espaço vai continuar a ter ocupação, vai sofrer alterações, vão ser construídos novos edifícios... Mas é evidente que não pode absorver toda a mão-de-obra que hoje tem. A exigência que fazemos é que, desde já, o Governo tome providências para acautelar os postos de trabalho, particularmente de muitos dos jovens que ali estão a trabalhar e que não deverão ser deixados no desemprego depois da sua primeira experiência no mercado de trabalho. Devem ser encontradas alternativas para a colocação destes trabalhadores, muitos dos quais têm, inclusive, qualificações acima da média.

Preocupa-nos, por outro lado, a utilização que vai ser dada àquele espaço. Até pelo volume de dinheiros públicos ali investidos, deve ser um espaço aberto, deve ser usufruído por todos e não apenas por alguns. Não pode ser um espaço só para quem tem dinheiro, mas para todo o povo português e, em particular, para o povo de Lisboa.

Recusamos terminantemente que, de uma zona antes degradada, se faça depois um espaço reservado para ricos.

EM FOCO

Alegria de viver e confiança num Brasil que resiste



■ Miguel Urbano Rodrigues

Não conheço qualquer estudo global sobre a contribuição das políticas neoliberais para a destruição das culturas. A ideologia do pensamento único, rígido na sacralização do mercado, não actua de maneira uniforme nas sociedades do Terceiro Mundo cujas economias controla com a adesão mais ou menos explícita de governos que aceitam o projecto da globalização imperial.

Na América Latina, os efeitos da deificação do mercado são devastadores, mas diferem muito de país para país. De acordo com a lógica aparente, o Brasil, onde continua a crescer uma das maiores megalópolis da Terra, deveria ser especialmente permeável à acção destruidora exercida pelos mecanismos desnacionalizadores sobre a cultura local. Mas não é o que está a acontecer.

O povo do Brasil construiu em cinco séculos culturas que, não obstante a vulnerabilidade resultante de um sistema social moldado por desigualdades monstruosas, se defendem melhor do que outras da poluição cultural que acompanha a estratégia imperial do neoliberalismo.

A ofensiva uniformizadora esbarra aqui com poderosas barreiras invisíveis. A contracultura de raiz norte-americana que acompanha a apologia do mercado sacralizado não consegue implantar-se profundamente, sequer numa metrópole como São Paulo, com 17 milhões de habitantes, dos quais cinco vegetam em condições infra-humanas. A imposição de comportamentos, figurinos sociais, gostos e valores próprios da mundividência neoliberal é uma realidade transparente. Mas a ideologia do sucesso, a febre consumista, as metas ardilosas da democracia sem adjectivos (e sem participação popular) actuam sobre o brasileiro das classes oprimidas

como o movimento das marés sobre os rochedos. A onda vai e vem. Não se pode afirmar que tudo fica na mesma, mas as vagas, recuando, desfazem-se em espuma após o embate com as rochas.

É na América Latina, e sobretudo nos pequenos países mais atrasados, como a Nicarágua, El Salvador e as Honduras, onde as condições são na aparência mais favoráveis à preservação das culturas, que estas são mais duramente golpeadas pela avalanche desencadeada pelos instrumentos de acção do pensamento único.



O tecido social é intensamente agredido pela ideologia importada. O bombardeamento mediático, em especial, produz estragos. O culto norte-americano da violência - uma das marcas da contracultura USA - tem contribuído para o alarmante alastramento do banditismo. A Chicago dos anos 20 era uma cidade pacífica comparada com a São Paulo de 1998. Estudos sérios demonstram que a divulgação das tecnologias do crime a sua apologia indirecta pela televisão têm contribuído muitíssimo para a prodigiosa expansão da violência e para as modalidades cada vez mais sádicas por ela assumidas.

A publicidade, numa televisão pavorosa - caricatura da matriz norte-americana -, consegue ser ainda mais massacrante do que a portuguesa na defesa do projecto de sociedade de classes, amorfa e tutelada, ideado para o Terceiro Mundo pelos ideólogos do pensamento único. Entretanto, esse enorme esforço que visa despojar o povo da sua identidade não produz aqui os resultados desejados. No Brasil, como ouvi de um professor de Sociologia, os anticorpos gerados pela cultura agredida «avacalham» os próprios instrumentos de acção do imperialismo. O humor brasileiro, por exemplo, mata pelo ridículo. Com frequência uma piada na aparência ingénua de um apresentador de televisão ou o trocadilho sorridente de uma garota bonita ao entrevistar um político solene destroem o discurso das elites que des governam o país.

Somente em Cuba se identifica no povo uma espontaneidade comparável à da gente brasileira. Em condições totalmente dissemelhantes, os dois povos conseguiram preservar uma alegria de viver incomum, uma atitude permanente de amor pelas pequenas e grandes coisas da existência. Essa tensão no sentir, ausente noutras comunidades, gera mecanismos de defesa da idiossincrasia nacional - como dizem os cubanos - que funcionam como antídotos contra as agressões culturais externas e contra a tendência à depressão.

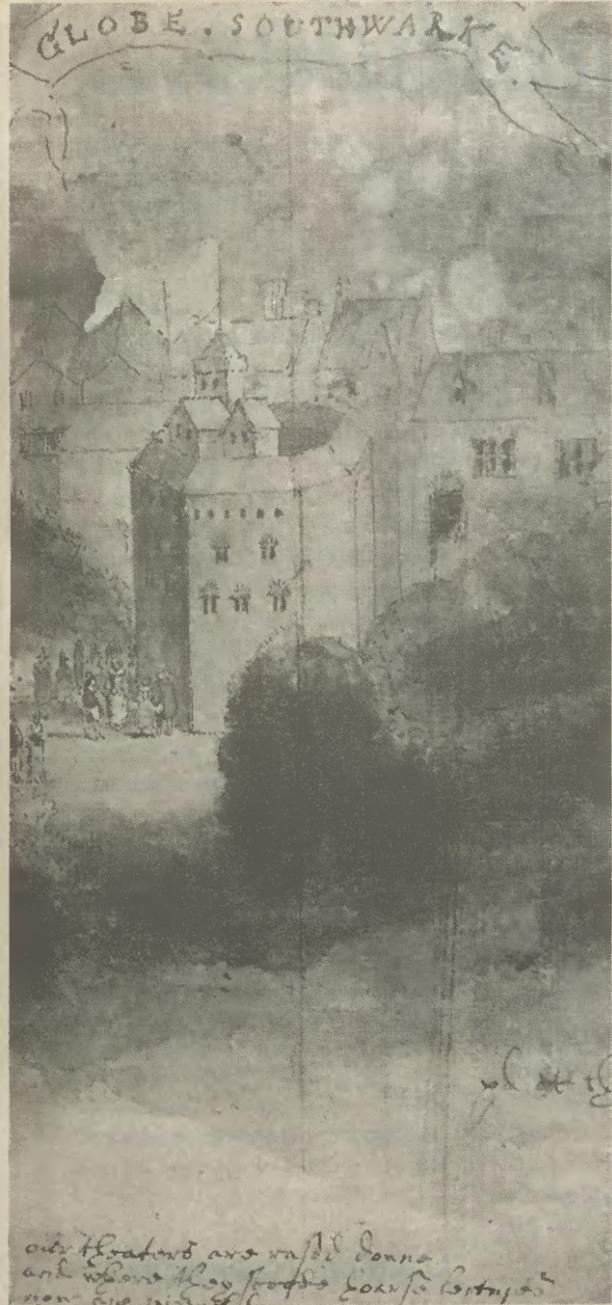
Afundado numa crise de contornos dramáticos, com facetas de tragédia, o povo brasileiro, ou seja, a esmagadora maioria de uma nação de mais de 160 milhões de habitantes, encontra nessa sua disponibilidade para amar a vida um escudo protector que amortece os efeitos da sombria realidade do quotidiano de uma sociedade profundamente injusta.

A esperança, a confiança na possibilidade de mudar a vida constitui sempre um poderoso factor de mudança social. E no Brasil, embora desafiando a lógica aparente das coisas, tal esperança é uma realidade evidente. Enorme, pouco racional, assentando muitas vezes na utopia, impressiona o visitante estrangeiro logo nos primeiros contactos, e manifesta-se de maneiras muito diferentes e por canais inesperados.

Creio que a contradição antagónica entre o auge do banditismo e da marginalidade e a tradicional doçura e cordealidade brasileiras - exaltadas por Sérgio Buarque de Holanda - é hoje uma das expressões da dicotomia que caracteriza esta sociedade envolvida num combate em que está em causa - sem que isso seja consciencializado pela grande maioria - a própria sobrevivência da sua cultura profunda, daquilo que quer continuar a ser.

Pode-se afirmar que ambas as imagens desses dois países antagónicos são reais. Mas aquela que mergulha as raízes na história profunda é a da gente que soube preservar a alegria de viver e persegue teimosamente o amor, a do brasileiro que contrariamente ao europeu identifica no cidadão desconhecido, até prova em contrário, um amigo potencial.

Participei nas últimas semanas, em São Paulo, em interessantes debates na Universidade e em outras instituições culturais. E mais uma vez me impressionou a inquietação criadora com que a nova geração participa na discussão dos grandes problemas do nosso tempo (e na recuperação da memória histórica), consciente da gravidade da crise do seu país e da crise global da civilização, mas também da necessidade e da possibilidade de uma saída.



Em aguarela do século XVII, o famoso teatro Globe, onde se representaram muitas peças de Shakespeare

Lénine de todos os tempos

De repente, as máquinas pararam. Alguns operários chefiados por um de mais avançada idade que, patentemente, não sabia o que fazer com o boné, começaram a estender uma comprida passadeira vermelha ao longo da ala principal da fábrica. Nesta altura da representação, o público estava completamente absorvido pela emoção própria daquilo que estava a acontecer no palco. Que iria passar-se? Ouviu-se, então, o ruído produzido por um automóvel que chegava não se sabia de onde. Mas a verdade é que apareceu mesmo junto à passadeira. Os trabalhadores procuraram colocar-se tão próximos do carro quanto possível. O do boné sem conseguir resolver o seu dilema. E do interior da viatura surgiu Lénine que, compreendia-se agora, ia visitar a fábrica. Mas, ao ver a passadeira vermelha feita de luzidio e novíssimo veludo, perguntou: «O que vem a ser isto, camaradas?» O operário mais velho, com o boné entre as mãos, procurou esclarecer: «Camarada Lénine, é para o camarada passar...»

Comovido, o fundador do poder soviético abraçou o velho trabalhador. Viu, perfeitamente, que os métodos e os costumes de antigamente continuavam a marcar o presente, o que lhe pareceu natural. Mas pensou no futuro. E disse: «Isto não é para nós, camaradas. Os comunistas não estão interessados em passadeiras ou cerimónias protocolares do estilo passado. Não é verdade que estamos a construir um mundo novo? Não é verdade que estamos a preparar o homem de amanhã, o homem soviético, a mulher soviética, os verdadeiros cidadãos livres que oferecerão à humanidade uma nova plataforma? Se assim é, camaradas, por favor, enrolem de novo a passadeira e passemos a ver a nossa, a vossa fábrica».

Então, o operário-chefe pôs o boné, por fim, na cabeça, e perguntou: «E o que iremos fazer da passadeira, camarada Lénine?» Este, apontando certo local distante, respondeu sem hesitação e com um afável sorriso: «Estais a ver aquela escola? Levai-a para lá. Estendei-a na sala de aulas para que as crianças soviéticas comecem a vida como nós nunca a conhecemos. E lembrai-vos de que na sociedade nova que agora vamos erguer há só uma classe a que são devidos privilégios, a das crianças.»

O pano caiu. Era o fim. Mas as palmas do público, correspondente à extraordinária mensagem do imortal dirigente da Revolução de Outubro, ainda hoje se ouvem. E ouvir-se-ão sempre.

(1) «Volte à direita e desça as escadas, por favor»

(2) «Volte à esquerda e suba as escadas»

(3) «Um cavalo, o meu reino por um cavalo!»

(4) «Escravo...»

(5) «Senhor, o meu patrão convida-o a jantar com ele»

O pior não são os milhões...

O pior não são os milhões de *écus* que se estariam a perder. Na CCR de Lisboa e Vale do Tejo, no Fundo de Coesão, com a Agenda 2000 e etc. O pior não é o *euro*. Com as consequências económicas e sociais da sua concepção, dos critérios de Maastricht e selecção dos Estados-membros, da transição e sua implantação. A usada e abusada imagem do «iceberg», à boleia do Titanic, serve para dizer que, na verdade, o pior não está à vista. O pior é a estratégia que faz com que os milhões em risco e o *euro* quase a chegar (com o BCE e o Pacto de Estabilidade) não sejam mais do que picos visíveis da estratégia devastadora do capitalismo predominantemente financeiro e transnacional. Como contava um saudoso amigo, parece que o que dói não é o dente. Nem a «engiva». O que dói é o micróbio...



■ Sérgio Ribeiro

O que vem para os telejornais e para as primeiras páginas, o que faz os (outros) partidos reagir são os milhões de *écu*, os MECU, em risco de se perderem. E muito mau será se se vierem a perder. Mas tanto se fala dos MECU que a UE nos manda como pouco se fala em como os aplicamos e menos ainda do que está por detrás (ou por baixo) dessas perdas pontuais ou acidentadas de percurso.

Aliás, perdas que eram de esperar, acidentadas de percurso que eram previsíveis. E que foram prevenidos. Por nós. Porque o

Sempre com a esperança e a convicção, próprias ou por outros induzidas, de que, passado cada escolho, o mar fica calmo e todos os problemas se resolverão, querendo ignorar que a próxima ponta está já no horizonte. Assim, os tripulantes subalternos e os passageiros de segunda vão ficando cada vez mais secundários e de porão, os timoneiros e os passageiros de primeira mais confortáveis nas suas cabanas de luxo.

Lisboa "&" Vale do Tejo e Regionalização

Que Lisboa e Vale do Tejo, ao aproximar os seus indicadores da «média comunitária» por efeito da concentração geográfica da riqueza, deixaria o objectivo 1 dos fundos estruturais (ou vice-versa) era esperado. Foi dito e redito. Em dezenas de colóquios e de escritos. Sempre estivemos, pessoalmente, mais sensíveis e críticos a essa aceite inevitabilidade por sermos de uma parcela da região/CCR que só por absurdo tem a configuração que tem. Porque é uma «região» – desconcentrada e não descentralizada, de órgãos nomeados e não eleitos – que inclui a área metropolitana de Lisboa e distritos vizinhos. Vizinhança ela que vai até zonas do País que nada têm a ver, regionalmente, com a cidade, capital e área metropolitana. Bem pelo contrário. A Estremadura e o Ribatejo são zonas do País – região a haver! – penalizadas por a sua representação estatística estar totalmente falseada por os indicadores da região/CCR serem viciados pelo peso relativamente esmagador dos números de Lisboa.

Além da culpa da estratégia há, neste caso como em todos, muita responsabilidade nossa, portuguesa. Ela é mesmo grave da parte de quem parece andar a brincar às regionalizações, com um comportamento que revela uma enorme falta de respeito pelo que chamam «opinião pública» – que, por outro lado, tanto temem – «justificando» e abrindo caminho a uma campanha anti-regionalização que o mínimo que se pode dizer é que não recua perante o terrorismo verbal.

Assim se perdem MECU. Porque é esse o resultado da estratégia, e também de se ter aceite como inevitável o que evitável era. Ainda se tentou o expediente de última hora da criação de uma subzona, o que foi algo caricato e feito sem convicção e só confirmou que há ouvi-

dos moucos aos avisos à navegação...

Fundo de Coesão e critérios nominativos

Sobre o Fundo de Coesão e a ameaça de dele nos excluirmos há semelhanças e diferenças. Semelhanças que têm a ver com o facto da intenção cada vez mais evidente de retirar fundos a quem ainda

tanto deles precisa resultar da mesma estratégia; diferenças que deveriam de ser outra a ponta visível do mesmo «iceberg».

No entanto, apesar da violência do assalto, e da justa surpresa e indignação, há que lembrar que esse fundo está ligado, desde a sua criação, ao processo da UEM, da implantação do euro e seus critérios nominativos. No Tratado da UE, assinado em Maastricht, dizia-se, no protocolo 15, relativo a coesão económica e social, que o Fundo de Coesão, a criar até 31.12.1993, era destinado aos «Estados-membros com um PNB *per capita* inferior a 90% da média comunitária que tenham definido um programa que lhes permita preencher os requisitos de convergência económica no artigo 104º-C do presente Tratado».

Uma interpretação fundamentalista, «à maneira», justificará que, tendo os Estados-membros preenchido os requisitos, estando – orgulhosamente, como ouvimos dizer! – na «primeira linha», não tem sentido que continuem a beneficiar desse fundo. Como é evidente, nem sequer estamos a fazer de advogado do Diabo mas tão-só a lembrar que os interesses que estão na génese deste tratado, e quem comandou o processo dele decorrente, tudo fizeram depender dos critérios e seu cumprimento.

Como agora continua e se quer fazer com o Pacto de Estabilidade, cuja dureza não deixa folgas para festejar os «êxitos»...

No Parlamento Europeu, a recente votação duma emenda alemã (nem importa de que partido é o autor porque, neste «ataque», estão todos os eurocentristas) que afasta do Fundo de Coesão os «fundadores» do euro, veio (re)levantar o problema. Mas, insistimos, o problema é da responsabilidade da estratégia, de quem a conduz, de quem com ela é conivente.

Foram curiosas algumas manobras de diversão à volta dessa votação que não é vinculativa mas que é um sinal sério. Chegou-se ao despudor de insinuar que o camarada Honório Novo se distraíra e impediu que o péssimo se transformasse em muito mau. Manobra que foi facilmente desmontada, até porque se há acusação de que este camarada nunca poderá ser alvo é de estar distraído no que respeita à sua tarefa.

Ainda mais despudorada foi a insinuação porque terá partido de quem foi alertado para o que estava em causa precisamente pelo camarada Honório Novo.

Em resumo, na última sessão plenária, os militantes anticeosão deram um passo que contraria outras posições recentes do PE. Denunciamo-lo, mas não como medida isolada e recuperável (que o é) mas como um pico do «iceberg» que estava à vista e contra o qual se rumou.

Euro, BCE e soberania

Mas nessa sessão não foi só esse o únicos (mau) passo. Para nós, que defendemos a soberania nacional, talvez o passo mais significativo da estratégia tenha sido a aprovação, praticamente «às cegas», de um relatório que passou vertiginosamente pela comissão económica – com dois votos contra! – que teve três intervenientes no debate em plenário – o

autor, eu próprio e um terceiro deputado francês – e que o comissário presente, de Silguy, disse ser impossível aceitar, apesar da sua simpatia pelo proposto, por ultrapassar o estipulado no tratado.

Na verdade, propõe-se que a regulamentação do artigo do tratado que prevê que as autoridades nacionais consultem o Banco Central Europeu sobre qualquer projecto de disposição legal nos domínios das suas atribuições vá muito para além do que o que está no Tratado. Segundo essa proposta, tais autoridades nacionais não só deverão consultar, mas também suspender a aplicação até ter o parecer, como obedecer-lhe, como ser penalizadas se não obedecerem. Tudo por maioria. Caso para dizer, como o fizemos no plenário, que essas entidades obrigadas a consultar e a obedecer aos pareceres passariam a ter muito pouco de nacionais e nada de autoridades, mesmo gozando da legitimidade democrática de que o BCE é francamente deficitário.

Em relação a este, a nosso ver, atentado, houve muita gente realmente distraída. Ou, então, pior ainda (e para não continuar a abusar da imagem «titanic»), gente que faz a vida que provoca as doenças graves que se manifestam por dores de cabeça e que, depois, se queixa muito quando aparecem as dores de cabeça...

O que dói é o micróbio...

Antes de melhor contar estroutra imagem, que tão sugestiva me parece e que virá na sequência das dores de cabeça que são o Fundo de Coesão, o euro e outros males que tais, ainda diria que, no fundo, o que está em causa é a concepção deste processo de integração que, em vez da solidariedade entre Estados soberanos beneficiando todos de uma coesão económica e social, quer impor a ideia da filantropia dos países mais crescidos economicamente que se teria tido a ingrata contrapartida de um subsídio-dependência dos menos crescidos, com os «dadores» decididos a diminuir progressivamente as «dádivas». Para os do sul, até porque têm outros «clientes» mais para o centro e leste que a Agenda 2000 trará. Com novas dores de cabeça para nós.

Ora acontece que as dores de cabeça também podem ter origem em problemas dos dentes. E lembramos sempre um saudoso companheiro do Aljube, médico exigente e competentíssimo, que contava da incomodidade que sentia ao dar consultas enquanto lhe chegava a voz de um vendedor de «mezinhas» que, por debaixo da sua janela, no Jardim da Parada, apregoava que «o dente não dói porque é osso e o osso não dói, a «engiva» não dói porque é músculo e o músculo não dói, o que dói é o micróbio...» e procurava vender a mercadoria milagreira.

Pois é. O que deve preocupar é o «iceberg» e não apenas o que dele é visível, o que nos ataca é a estratégia com desvio de fundos e com os instrumentos de que se serve, o que temos de combater é o capitalismo e não só algumas das suas consequências.



caminho era o de uma estratégia que denunciámos desde que tão-só delineada, sempre que oportuno, repetidamente.

Tudo se passa como se a «barca» não tivesse o rumo traçado, as pontas do «iceberg» não fossem visíveis, os do leme (e outros) ignorassem os embates. E como se alguns dos membros da tripulação e passageiros, indiferentes aos avisos à navegação, só se assustassem quando os choques se dão, um a um, e depois continuassem estimulando o prosseguimento da viagem.

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Deus Sabe Quanto Amei

(Quinta, 23.00, RTP2)

«A música de Elmer Bernstein já o anuncia desde o genérico: trata-se de um drama. A intriga poderá ocasionalmente tomar o tom de comédia, mas ela terminará mal. Há essa saga do álcool, que liga o escritor ao jogador de poker, essas mulheres que se desejam porque pertencem à high society e as outras que são sujeitas à humilhação para se lhes não agradecer a terna fidelidade. Há (...) essa fronteira ténue entre o sonho e a realidade, o mal que se faz a si próprio porque não se pode fazer aos outros, as dúvidas, a fascinação pelo abismo, as rixas e a morte programada do amigo-que-nunca-tira-o-chapéu. Há, sobretudo, essa personagem de prostituta de enorme coração, capaz de se elevar acima da vulgaridade pela magia da encenação, pela virtude das esplendorosas cores da noite. Ela torna-se pouco a pouco a personagem central; e o seu amor canino, ascende involuntária de quem quase não sabe exprimir o seu amor, porque um verdadeiro amor é inexprimível, acaba por vencer a mais tenaz das resistências. É difícil ver Deus Sabe Quanto Amei sem ser comovido até às lágrimas.»

Tal como seria difícil escrever qualquer coisa de mais definitivo que não fosse este texto de Alain Paucard, a propósito desta obra-prima de Vincent Minnelli. Com Shirley MacLaine, Frank Sinatra, Dean Martin, Martha Hyer e Arthur Kennedy. A não perder. A menos que, como se tem visto nos spots de promoção, a cópia tenha sido escandalosamente assassinada pelo pan & scan, com o consequente aumento de grão. Nesse caso, é melhor esperar por melhor oportunidade. Talvez num canal estrangeiro. Sem deixar de protestar, claro!

Os Sete Ladrões da Cidade

(Sexta, 23.00, RTP2)

Transposta para os bas fonds da mafia nos conturbados anos 20, em Chicago, esta comédia realizada com destreza e imaginação por Gordon Douglas é, no fundo, uma adaptação da lenda de Robin dos Bosques passada nos meios do crime organizado e retratando a luta entre dois gangs. Uma comédia de boa disposição, com excelente música (e canções) e a presença de alguns pândegos, como Frank Sinatra, Dean Martin, Bing Crosby, Sammy Davis Jr., ou Peter Folk.

O Último Desejo (Sábado, 22.00, TVI)

Baseado num facto real e considerado pelas referências um telefilme acima da média habitual neste género de produtos televisivos, O Último Desejo, é um drama intenso no qual se conta a história de uma jornalista que decide ajudar a sua própria mãe, vítima de doença terminal, a pôr termo à vida. Duas grandes interpretações de Patty Duke e Maureen Stapleton.

Dom Roberto (Domingo, 17.40, RTP2)

Personalidade multifacetada da nossa cultura, José Ernesto de Sousa encontrou forma original de levar ao ecrã este original de Leão Penedo baseado num poema de Alexandre O'Neill. Uma cooperativa de espectadores financiou este filme de cambiantes neo-realistas, considerado a obra de arranque do chamado Cinema Novo português, o qual se debruça sobre o difícil quotidiano de um manipulador de fantoches, interpretado com admirável dramatismo por Raul Solnado. Nos restantes papéis, destaque para Glicínia Quartim, Rui Mendes ou Luís Cerqueira.

A Noite de Iguana (Terça, 23.00, RTP2)

Há um pastor (Richard Burton) que renunciou ao hábito e é agora guia turístico conduzindo um grupo de excursionistas numa



Deborah Kerr e Richard Burton, em «A Noite de Iguana», de Tennessee Williams / John Huston

viagem pelo México; uma adolescente (Sue Lyon) que pretende seduzir o pastor; uma viúva (Ava Gardner) que dirige um hotel mexicano onde todos vão parar; uma mulher madura, virgem (Deborah Kerr), que faz retratos e corre mundo acompanhando o seu avô; e este (Cyril Delevanti) que acaba por morrer no fim de uma noite agitada. Depois, no fim disto tudo, o pastor acaba por ficar ao pé da viúva, fazendo-lhe companhia. Percebe-se que estamos perante o universo de Tennessee Williams, mas John Huston, grande cineasta em momento de crise, jamais encontrou o tom certo para adaptar ao cinema este grande original, ainda por cima prejudicado pelo cabotinismo de alguns dos intérpretes, em particular Burton, como não podia dei-



Carlos Gallardo é o actor de um filme que se diz surpreendente: «El Mariachi», de Robert Rodriguez

nar de ser. Mas o filme está longe de ser desprezível, como também é evidente.

El Mariachi

(Quarta, 22.35, RTP1)

A história conta-se em duas palavras: um mariachi (músico popular) chega a uma localidade da fronteira mexicana, vestido de preto e com uma mala onde transporta o seu instrumento. Na mesma altura, chega ao mesmo local um outro homem envergando vestimenta semelhante e também transportando uma mala. Simplesmente, viria a perceber-se mais tarde que este era um pistoleiro, um criminoso... Começam aqui as confusões e o resto não é difícil de adivinhar! Este filme foi uma surpresa para as



Termina o ciclo dedicado a Frank Sinatra

coordenadas típicas de Hollywood, quando repentinamente surgiu no início dos anos 90, totalmente falado em castelhano (!), claramente pertencente à série B (sobretudo tendo em conta os habituais padrões orçamentais), mas que se revelou, logo, um tremendo êxito de bilheteira. E não só: também artístico, já que Robert Rodriguez - que inventou a história, escreveu o argumento e o produziu, fotografou, montou e realizou (!) - parece ter criado, ao que se lê, uma peça cinematográfica de elevada desenvoltura e inegável capacidade de entretenimento. A descobrir.

CABO & SATELITE



Sob o signo do Mundial

Começa amanhã a grande maratona que levará até às casas de milhões de espectadores de televisão em todo o Mundo mais um

Campeonato Mundial de Futebol, desta vez realizado em França. Claro que a RTP dedica largos espaços da sua emissão ao evento, mas aqui vamos dar-lhe, como é natural, algumas dicas sobre a cobertura de um canal vocacionado

para tal - o Eurosport. As

«hostilidades» começam na véspera, com um programa intitulado «A Parada "D" Menos Um»

(sendo «D», de Dia) no qual 5000

figurantes participam num desfile que,

partindo cerca das 17 horas de quatro praças

de Paris (representando quatro continentes), se

vão encontrar na Praça da Concórdia, estando o

famoso obelisco transformado numa

gigantesca Taça do Mundo. Este é o aperitivo, das 19.45

às 22 horas. No dia seguinte, das 15.45 às 16.15 são as

cerimónias oficiais de abertura do torneio, imediatamente

seguidas do primeiro jogo a sério, e logo o Brasil-Escócia, até

às 18.30. Depois, até 12 de Julho, seguem-se, «apenas», 64

partidas, das quais 32 em directo e 32 em diferido e, para

além de outras rubricas, um jornal de actualidades diário, consagrado ao evento. Goooooooooooo!

(Eurosport, Terça-feira 9, das 19.45 às 22.00; Quarta-feira 10, das 15.45 às 18.30)



19.45, um documentário no mínimo curioso: «Onze Amigos Jugoslavos».

Quer dizer: aqui se juntam onze sérvios, croatas, bósnios e montenegrinos,

todos eles jogadores de futebol e ex-

membros da equipa da Jugoslávia que,

em 1990, participava pela última vez (como tal) num

Campeonato do Mundo de Futebol. Um ano depois,

estourava uma guerra trágica e fratricida nos

Balcãs. É um filme assinado por Miklos Gimes

e Michele Andreolli. (Arte, Terça-feira 9, das

19.45 às 20.35)



Piazzola e Lisboa

Se gosta de bandoneon e da moderna música argentina, ainda por cima composta e tocada por um mestre como era Piazzola, saiba que o canal Muzzik vai transmitir esta quinta-feira um programa especial de uma hora intitulado

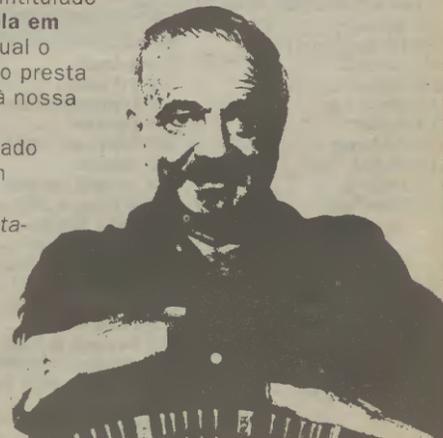
«Astor Piazzola em Lisboa», no qual o

grande músico presta homenagem à nossa

capital, num concerto gravado em Lisboa em

1987. (Muzzik, Quinta-feira 11, das

19.00 às 20.00)



Patty Duke, intérprete principal de «O Último Desejo», um bom telefilme

Um ideia interessante

O Arte não deixa o futebol por canais alheios e apresenta já hoje, pelas



TELEVISÃO

Terça, 9

RTP 1

08.00 Infantil
10.05 A Banqueira do Povo
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Perdidos de Amor
14.15 Consultório
15.35 Made in Portugal
17.00 Dia de Camões
18.15 Maria do Bairro
19.00 Países Países
19.45 Países Países
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.05 Terra Mãe
22.00 Herman 98

Quarta, 10

RTP 1

08.00 Infantil
10.05 A Banqueira do Povo
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Perdidos de Amor
14.15 Consultório
15.05 Nós, os Ricos
15.40 Cerimónia de abertura do Mundial de Futebol '98
16.10 Mundial '98: Brasil-Escócia
18.35 Maria do Bairro
19.00 Países Países
19.40 Países Países
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente

Quinta, 11

RTP 1

08.00 Infantil
10.05 A Banqueira do Povo
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Perdidos de Amor
14.15 Consultório
15.30 Isto Só Vídeo
16.25 Mundial '98: Itália-Chile
18.35 Maria do Bairro
19.00 Países Países
19.45 Países Países
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.05 As Lições do Tonecas
21.40 Terra Mãe

Sexta, 12

RTP 1

08.00 Infantil
10.05 A Banqueira do Povo
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.25 Mundial '98: Paraguai-Bulgária
15.30 Perdidos de Amor
16.25 Mundial '98: Arábia Saud.-Dinamarca
18.35 Maria do Bairro
19.00 Países Países
19.35 Países Países
19.55 Mundial '98: França-África do Sul
22.00 Telejornal
22.30 Cais do Oriente
22.50 Terra Mãe
23.55 Mundial '98
00.25 24 Horas
01.15 Máquinas
02.05 Basquete - Finais NBA

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.40 Falatório
16.45 Amigos para Sempre
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.35 Hugo
20.05 Tudo em Família
20.35 Portugalmente
21.10 Quem Sabe Sabe...
21.35 Remate



Por enquanto, "Cousteau" mantém-se na TVI ao fim de semana

22.00 Murphy Brown
22.30 Jornal 2
23.10 Acontece
23.25 Os Sete Ladrões da Cidade (de Gordon Douglas, EUA/1964, com Frank Sinatra, Dean Martin, Bing Crosby, Sammy Davis, Jr., Peter Falk, Barbara Rush, Edward G. Robinson. Ver Destaque)
01.30 Falatório
02.30 Ternuras e Arrufos

SIC

08.00 Buêrére
10.00 Baila Comigo
11.00 Malucos do Riso
11.30 Cuidado com o Fantasma
12.00 Bom Baão
12.30 Ora Bolas, Marina
13.00 Primeiro Jornal
13.55 O Juiz Decide
15.00 Noivas de Sto. António
16.00 Vidas Cruzadas
17.00 Fátima Lopes
19.00 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.50 Por Amor
21.50 Marchas Populares de Lisboa
01.00 Diário do Mundial
01.20 Último Jornal
02.05 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.20 Lágrimas de Mulher
15.05 Caprichos
15.50 Império de Cristal
17.00 Animação
18.00 Um Homem sem Passado
19.00 Savannah
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
22.00 Pretender
23.00 A Esquadra de Brooklin
24.00 A Justiça de Um Inocente (de Rod Holcomb, EUA/1985, com Robert Conrad, George Hamilton, Brook Bundy. Telefilme)
02.00 Seinfeld
02.30 Ponto Final

Sábado, 13

RTP 1

08.00 Infantil / Juvenil
12.15 Companhia dos Animais
13.00 Jornal da Tarde
13.25 Mundial '98: Espanha-Nigéria
15.30 Top +
16.25 Mundial '98: Coreia do Sul-México
18.30 Jet 7
19.05 Há Horas Felizes
19.55 Mundial '98: Holanda-Bélgica
22.00 Telejornal
22.30 Cais do Oriente
23.05 Nós, os Ricos
23.40 Reportagem
00.35 Mundial '98
01.10 24 Horas
01.50 Explosão de Fogo (de Elliot Silverstein, EUA/1993, com Billy Zane, Louis Gossett, Kristin Minter, Tom Mason. «Thriller» Policial.)
03.35 Sem Limites

RTP 2

09.00 Universidade Aberta
12.00 Música Maestro - «O Som do Cárcere»
12.55 Horizontes Selvagens
13.30 Dinheiro Vivo
14.00 Parlamento
15.00 Desporto 2
16.30 O Costa do Castelo (de Artur Duarte, Port./1943, com António Silva, Maria Matos, Milú, Curado Ribeiro, Manuel Santos Carvalho, Hermínia Silva. Comédia)
18.40 Festival Pop (Baden-Baden) 19.40 2001
20.15 Jogo do Alfabeto
20.50 Onda Curta (Shock, de Zlatin Radev, 1996); Era Uma Vez Donyazad, Il Etait Une Fois Donyazad, de Merzak Alouache, 1996; Uma História das Mães e Uma Noites, Stoire d'un Prince Devenu Borgne et Mendiant, de Florence Mialle, 1996. Curtas Metragens)



21.50 Murphy Brown
22.00 Jornal 2
23.05 O Lugar da História
21.10 O Filme da Minha Vida (Longo-metragem)
01.40 Os Sexos Humanos

SIC

08.00 Buêrére
11.30 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.10 007, Licença para Matar (de John Glen, Gr.Br./1989, com Timothy Dalton, Carey Lowell, Robert Davi, Talisa Soto. Acção / Espionagem)
17.00 Walker
18.00 Asas da Polícia (de Aaron Norris, EUA/1995, com Chuck Norris, Clyde Kusatsu, Michele Lamar Richards, Peter Savard Moore. Acção)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
21.30 Corpo Dourado
22.30 Big Show Sic
01.30 Diário do Mundial
01.50 Último Jornal
02.15 Morte Iminente (de Paul Seed, EUA/1992, com John Heard, Christopher Lloyd, Rip Torn. Docudrama / Telefilme)

TVI

10.00 Animação
12.40 Gémeas
13.35 Contra-Ataque
15.10 Feed Back
15.45 Os Julgamentos de Rosie O' Neill
16.40 Competente e Descarada
17.10 Poder e Ambição
19.00 Aventuras no Pacífico
20.00 Flipper
21.00 Directo XXI
22.00 O Último Desejo (de Jeff Bleckner, EUA/1992, com Patty Duke, Maureen Stapleton, Dwight Schultz, Lee Wallace. Drama)
00.30 A Marca da Justiça (de Marc Voizard, EUA/1995, com Roddy Piper, Jane Wheeler, Alina Thompson, Miles O' Keefe. Policial)

Domingo, 14

RTP 1

08.00 Infantil / Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.25 Mundial '98: Argentina-Japão
15.30 Made in Portugal
16.25 Mundial '98: Jugoslávia-Irão
18.30 Casa Cheia
19.00 Riscos
20.00 Telejornal
20.50 Cais do Oriente
21.00 Major Alvega
21.50 Assalto à Televisão
23.25 Mundial '98
24.00 24 Horas
00.40 Limites do Terror
01.55 Basquete - Finais NBA

RTP 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
12.30 Sinais do Tempo
13.30 Jornal d'África
15.00 Desporto 2
16.30 Musical: Bryan Adams
17.40 Dom Roberto (de José Ernesto de Sousa, Port./1962, com Raúl Solnado, Glicínia Quartim, Rui Mendes, Nicolau Breyner, Luís Cerqueira, Fernanda Alves. Ver Destaque)
19.25 Bombordo
19.55 Mundial '98: Jamaica-Croácia
22.00 Jornal 2
22.35 Horizontes da Memória
23.05 Ópera: «O Elixir do Amor»
01.10 Vidas do Século - «Raoul Wallenberg»

SIC

08.30 Buêrére
11.55 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.45 K-9, Agente Canino (de Rod Daniel, EUA/1989, com James Belushi, Mel Harris, Kevin Tighe, Ed O' Neill, James Handy.

Segunda, 15

RTP 1

08.00 Infantil
10.05 A Banqueira do Povo
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.25 Mundial '98: Inglaterra-Tunísia
15.30 Perdidos de Amor
16.25 Mundial '98: Roménia-Colômbia
18.35 Maria do Bairro
19.00 Países Países
19.45 Países Países
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.05 Reformado e Mal Pago
21.40 Terra Mãe
23.00 Jogo de Poder (de James Keach, EUA/1996, com Jane Seymour, Bruce Greenwood, Linda Purl, William Devane. Drama)
00.30 Mundial de Futebol '98
01.55 Horizontes da Memória

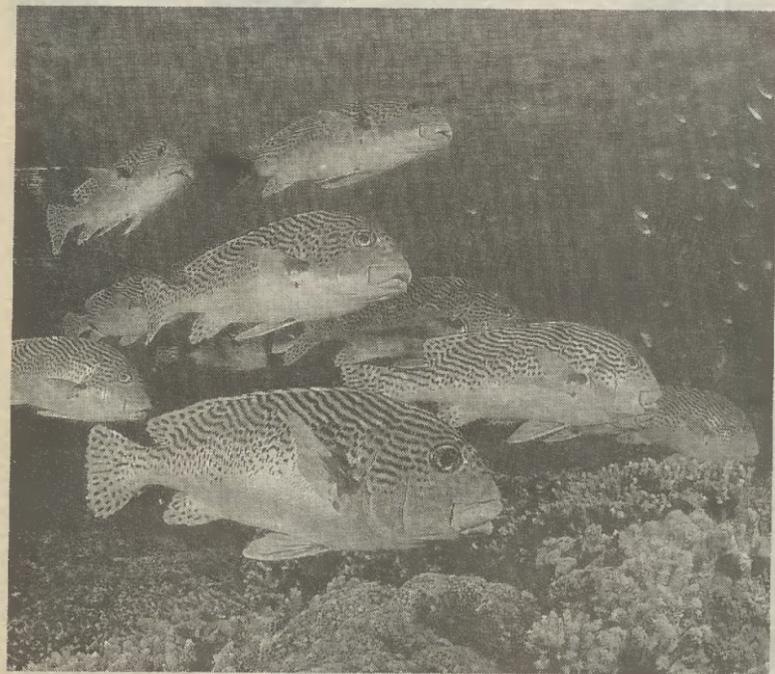
RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.20 Sessão Parlamentar
17.30 Espaço Vital - Açores
18.00 Informação Religiosa
18.30 Universidade Aberta
19.00 Um, Dó, Li, Tá
19.55 Mundial '98: Jamaica-Croácia
22.00 Jornal 2
22.35 Acontece
22.50 Jogo Falado
24.00 Santo Matrimónio (de Leonard Nimoy, EUA/1994, com Patricia Arquette, Joseph Gordon-Levitt, Armin Mueller-Stahl. Comédia)
01.55 Duckman, o Trapalhão

SIC

08.00 Buêrére
10.00 Baila Comigo
11.00 Bom Baão
11.30 Cuidado com o Fantasma
12.00 Malucos do Riso
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.55 O Juiz Decide
15.00 Ora Bolas, Marina
15.30 Vidas Cruzadas
17.00 Fátima Lopes
19.00 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite

«Contra Informação», diariamente na RTP1



Ao domingo na SIC os documentários sobre a vida animal têm a chancela da BBC

23.55 Millennium
00.40 Mundial de Futebol '98
01.15 24 Horas
02.05 Rotações

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.40 Jogo Falado
16.45 Amigos para Sempre
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
20.00 Tudo em Família
20.30 Portugalmente
21.10 Ellen
22.00 Jornal 2
22.35 Acontece
22.50 O Homem do Braço de Ouro (de Otto Preminger, EUA/1955, com Frank Sinatra, Kim Novak, Eleanor Parker. Ver Destaque)
00.55 Falatório
01.55 Desejos Proibidos

SIC

08.00 Buêrére
10.00 Baila Comigo
11.00 Malucos do Riso
11.30 Cuidado com o Fantasma
12.00 Bom Baão
12.30 Ora Bolas, Marina
13.00 Primeiro Jornal
13.55 O Juiz Decide
15.00 Imagens Reais
15.30 Vidas Cruzadas
17.00 Fátima Lopes
19.00 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.50 Médico de Família
21.50 Noivas de Sto. António
23.00 O Especialista (de Luis Llosa, EUA/1994, com Sylvester Stallone, Sharon Stone, James Woods, Rod Steiger. Acção)
01.00 Último Jornal
01.25 Em Nome do Pai
03.00 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.05 Caprichos
16.00 Império de Cristal
17.00 Animação
18.00 Um Homem sem Passado
19.00 Savannah
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
22.00 Profiler
23.00 PSI Factor
24.00 Seinfeld
00.35 Feedback
01.20 Ponto Final

21.05 Isto Só Vídeo
21.40 Terra Mãe
22.35 A Ilha das Cabeças Cortadas (de Renny Harlin, Fr./EUA/1995, com Geena Davis, Matthew Modine, Frank Langella. Aventuras / Acção)
00.45 Mundial '98
01.10 24 Horas
02.05 Basquetebol - NBA

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.35 Falatório
16.45 Amigos para Sempre
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.35 Hugo
19.55 Mundial '98: Marrocos-Noruega
22.45 Jornal 2
22.35 Acontece
23.00 Alta Sociedade (de Charles Walters, EUA/1956, com Bing Crosby, Grace Kelly, Frank Sinatra, Celeste Holm. Ver Destaque)
00.50 Falatório
01.50 Musical: «Novo Fado e Outros Romances»

SIC

08.00 Buêrére
10.00 Baila Comigo
11.00 Malucos do Riso
11.30 Cuidado com o Fantasma
12.00 Bom Baão
12.30 Ora Bolas, Marina
13.00 Primeiro Jornal
13.55 O Juiz Decide
15.00 Imagens Reais
15.30 Vidas Cruzadas
17.00 Fátima Lopes
19.00 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
20.50 Diário do Mundial
21.00 Por Amor
22.00 Noivas de Sto. António
22.10 Furor
23.30 Casos de Polícia
00.50 Último Jornal
01.15 Conversas Secretas
02.15 Portugal Radical

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.05 Caprichos
16.00 Império de Cristal
17.00 Animação
18.00 Trinitá & Bambino (de E. R. Cucher, It./1995, com Heath Kizzer, Keith Neubert, Yvonne De Bark, Fanny Cadeo, Ronald Nitschke. Aventuras)
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
22.00 Picar o Ponto
22.30 Juramento de Amor (de Jim Abrahams, EUA/1996, com Meryl Streep, Fred Ward. Drama)
00.30 Seinfeld
01.00 Lanterna Mágica
01.40 Fora de Jogo

22.35 Grande Entrevista
00.30 Mundial '98
01.10 24 Horas
02.00 Especial Musical - «Garbage»

RTP 2

11.00 Missa (Corpo de Deus)
15.00 Informação Gestual
15.35 Falatório
16.45 Amigos para Sempre
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.30 Hugo
19.55 Mundial '98: Camarões-Austria
22.00 Jornal 2
22.45 Acontece
23.00 Deus Sabe Quanto Amei (de Vincent Minnelli, EUA/1959, com Frank Sinatra, Dean Martin, Shirley MacLaine, Martha Hyer, Arthur Kennedy. Ver Destaque)
01.20 Falatório
02.20 Objectivo Lua

SIC

08.00 Buêrére
10.00 Baila Comigo
11.00 Malucos do Riso
11.30 Cuidado com o Fantasma
12.00 Bom Baão
12.30 Ora Bolas, Marina
13.00 Primeiro Jornal
13.55 O Juiz Decide
15.00 Imagens Reais
15.30 Vidas Cruzadas
17.00 Fátima Lopes
19.00 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Por Amor
22.10 A Última Chance
23.15 Esta Semana
00.30 Diário do Mundial
00.50 Último Jornal
01.15 Flash
02.35 Vibrações

TVI

10.10 Animação
11.00 Missa
12.30 Cousteau - As Novas Descobertas
13.30 TVI Jornal
14.20 Lágrimas de Mulher
15.05 Caprichos
16.00 Império de Cristal
16.45 Animação
17.45 Os Caça-Sarilhos (de Vincent Minnelli, EUA/1959, com Frank Sinatra, Dean Martin, Shirley MacLaine, Martha Hyer, Arthur Kennedy. Ver Destaque)
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
22.00 Terra: Conflito Final
23.00 Automatic, o Guarda do Futuro (de John Murlowski, EUA/1994, com Yasmine Bleeth, Marion Ross, Linden Ashby. Acção)
00.55 Seinfeld
01.30 Ponto Final

TELEVISÃO

AGENDA

Terça, 16

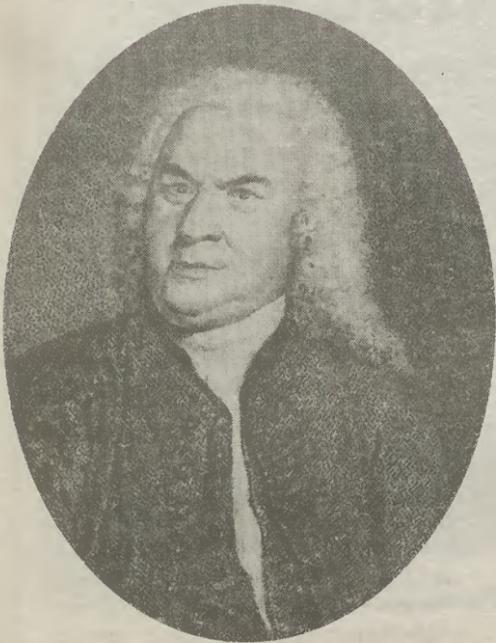
RTP 1

08.00 Infantil
10.05 A Banqueira do Povo
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.25 Mundial '98: Escócia-Noruega
15.30 Perdidos de Amor
17.00 Made in Portugal
18.15 Maria do Bairro
19.00 País País
19.45 País Regiões
19.55 Mundial '98: Brasil-Marrocos
22.00 Telejornal
22.30 Cais do Oriente

Quarta, 17

RTP 1

08.00 Infantil
10.05 A Banqueira do Povo
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Perdidos de Amor
14.15 Consultório
15.05 Nós, os Ricos
16.25 Mundial '98: Chile-Áustria
18.35 Maria do Bairro
19.00 País País
19.40 País Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Cais do Oriente
21.05 Isto Só Vídeo
21.40 Terra Mãe



Novos «horizontes visuais» inspirados pela música de Bach: em «Música, Maestro», ao sábado na RTP2

23.00 Terra Mãe
23.55 Herman 98
00.40 Mundial de Futebol '98
01.15 24 Horas
02.05 Rotações

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.40 Jogo Falado
16.45 Amigos para Sempre
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
20.00 Tudo em Família
20.30 Portugalmente
21.10 Ellen
22.00 Jornal 2
22.35 Acontece
22.50 A Noite de Iguana
(de John Huston, EUA/1964, com Richard Burton, Ava Gardner, Deborah Kerr, Sue Lyon. Ver Destaque)
00.55 Falatório
01.55 Desejos Proibidos

SIC

08.00 Buéréré
10.00 Baila Comigo
11.00 Bom Baião
11.30 Cuidado com o Fantasma
12.00 Malucos do Riso
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.55 O Juiz Decide
15.00 Ora Bolas, Marina
15.30 Vidas Cruzadas
17.00 Fátima Lopes
19.00 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Médico de Família
22.00 Por Amor
23.00 Máquinas de Guerra
(de Roland Emmerich, EUA/1992, com Jean-Claude Van Damme, Dolph Lundgren, Ally Walker. Acção)
01.00 Diário do Mundial
01.20 Último Jornal
01.45 Raptados
03.45 Vibrações

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.05 Caprichos
16.00 Império de Cristal
17.00 Animação
18.00 Um Homem sem Passado
19.00 Savannah
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
22.00 Profiler
23.00 PSI Factor
24.00 Seinfeld
00.35 Feedback
01.20 Ponto Final

22.35 El Mariachi
(de Robert Rodriguez, EUA/1992, com Carlos Gallardo, Consuelo Gomez, Jaime De Hoyos, Peter Marquardt, Reinol Martinez. Ver Destaque)
00.45 Mundial '98
01.10 24 Horas
02.05 Basquetebol - NBA

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.35 Falatório
16.45 Amigos para Sempre
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Um, Dó, Li, Tá
19.35 Hugo
19.55 Mundial '98: Itália-Camarões
22.45 Jornal 2
22.35 Acontece
23.00 Um Belíssimo Novembro
(de Mauro Bolognini, It./1969, com Gina Lollobrigida, Gabriele Ferzetti. Comédia Dramática)
00.50 Falatório
01.50 Musical

SIC

08.00 Buéréré
10.00 Baila Comigo
11.00 Bom Baião
11.30 Cuidado com o Fantasma
12.00 Malucos do Riso
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.55 O Juiz Decide
15.00 Ora Bolas, Marina
15.30 Vidas Cruzadas
17.00 Fátima Lopes
19.00 Era Uma Vez
20.00 Jornal da Noite
21.00 Por Amor
22.00 Furor
23.15 Casos de Polícia
00.30 Diário do Mundial
00.50 Último Jornal
01.15 Conversas Secretas
02.35 Portugal Radical

TVI

10.10 Animação
13.30 TVI Jornal
14.15 Lágrimas de Mulher
15.05 Caprichos
16.00 Império de Cristal
17.00 Animação
18.00 Um Homem Sem Passado
19.00 Savannah
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
22.00 Pícaro o Ponto
22.30 Os Jurados
(de Sturla Gunnarsson, EUA/1996, com Kelly McGillis, Christopher Plummer, Lauren Hutton. Drama)
00.30 Seinfeld
01.30 Lanterna Mágica
02.00 Ponto Final

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

Encerramento da campanha

"O PCP COM OS TRABALHADORES"

● No PORTO:

Com Carlos Carvalhas
ENCONTRO DE JOVENS
TRABALHADORES DO
DISTRITO DO PORTO

A juventude e o trabalho -
presente e futuro

Terça-feira, dia 9, 21h, Salão da Junta de Freguesia de Sto. Ildefonso

● Em BRAGA:

COMPETITIVIDADE E SALÁRIOS

- Sessão pública

com a participação de CARLOS CARVALHAS

Terça-feira, 9, às 17h30, no Salão da JF de S. Vitor

● Em AVEIRO:

REUNIÃO CONVÍVIO

DE QUADROS DAS EMPRESAS DO DISTRITO

Sábado, 13, às 15h, no CT de Aveiro, com Francisco Lopes

● CONTACTOS com os trabalhadores

Hoje, terça-feira, dia 9:

das EMPRESAS DE PESCA DE ÍLHAVO; da FRINA e da BAYER (em Alto Colaride); com a população de ALFRAGIDE (12h).

O PCP com os
Trabalhadores

Valorizar
o trabalho e os
trabalhadores,
defender
e concretizar
direitos.



Sim

direito a decidir!



Sessão abertura da campanha do PCP
no âmbito do referendo sobre a despenalização da intervenção
voluntária da gravidez

dia 16 de Junho (terça-feira), às 18h30
no Hotel Altis (Sala Europa) em Lisboa
com a participação do Secretário-geral do PCP
Carlos Carvalhas

ALMADA

Dia 13 às 15h - Charneca / CT do PCP
Convívio com CONCEIÇÃO MORAIS
Dia 16 às 15h - Cova da Piedade / URPICA
Debate com CONCEIÇÃO MORAIS

ALCOCHETE

Dia 9 às 21h - Samowco
Debate com LUÍSA ARAÚJO

BARREIRO

Dia 10 às 13h - Santo André
Almoço-convívio com CONCEIÇÃO MORAIS

BENAVENTE

Dia 11 às 21h30 - Centro Cultural
Debate com JOÃO AMARAL

COIMBRA

Dia 15 às 21h30 - Casa da Cultura
Debate com ODETE SANTOS e os médicos MARIA GIL LUCENA
SAMPAIO, TERESA TOMÉ, FERNANDO GOMES

CORUCHE

Dia 9 às 21h30 - Centro Cultural
Debate com FERNANDA MATEUS

ESPINHO

Dia 17 às 21h30 - Salão dos Bombeiros Voluntários
Debate com ODETE SANTOS

GONDOMAR

Dia 13 às 21h30 - Fânzeres
Debate com JOÃO AMARAL

QUEIJAS

Dia 9 às 21h30 - Sport. Clube Linda-a-Pastora
Debate com ADELAIDE PEREIRA

SANTIAGO DO CACÉM

Dia 16 às 21h30 - JF Santo André
Debate com REGINA MARQUES

SEIXAL

Dia 9 às 21h - No «Independente» / Torre da Marinha
Debate com CONCEIÇÃO MORAIS

SETÚBAL

Dia 9 às 21h30 - Edifício Arrábida
Debate com ANTONIA TOMASINI, do Forum delle Donne (Itália)
Dia 12 às 21h - JF São Sebastião - Debate com Anita Vilar

TOMAR

Dia 17 às 21h30
Biblioteca municipal
Debate com LUÍS SÁ

VILA NOVA DE GAIA

Dia 13 às 15h - JF de
Canidelo
Debate
com JOÃO AMARAL

Corrida pelo SIM no Porto

Dia 14 às 16h - Da Pç. Gen.
Humberto Delgado para a
Ribeira

- uma corrida simbólica, aberta
a todos, e com a participação de
Rosa Mota, Aurora Cunha,
Albertina Dias, Manuela
Machado, entre outros atletas
(Movimento SIM pela Tolerância)

NOITE DE SANTO ANTÓNIO (Dia 12)
no Terraço do Vitória Sardinhas, febras e muita animação!
(Convívio promovido pelo Sector de Empresas
e Zona Ocidental de Lisboa)

Carlos Carvalhas
nos Estaleiros de Viana

O Secretário-geral do PCP visita hoje,
dia 9, a partir das 11 da manhã
os Estaleiros Navais de Viana do Castelo,
tendo encontros com os trabalhadores
e a Administração
e almoçando na cantina da Empresa.

PORTIMÃO

Jantar-convívio com Carlos Carvalhas
Restaurante "O Xico" - Dia 12 às 20h

Grândola

Encontro Distrital de Setúbal da URAP
Pavilhão de Exposições da Feira
Domingo, 14, a partir das 10h. Almoço-convívio

Setúbal

Almoço-convívio no Faralhão
Coop. Bem-Vinda a Liberdade
Domingo, 14, com a participação de Álvaro Cunhal

8 Dias nos Açores
Terceira, Faial, Pico e S. Miguel
De 22 a 29 de Julho
promovido pela
Organização de Almada
Inscrições: cam. Artur Cabrera,
Tel. (01) 2753939

Passeio à Figueira da Foz
Domingo, 21
promovido pela
Organização de Benfica
Inscrições no CT:
Tel. (01) 7162458
de Benfica



CUBA Solidariedade

Caravana de
Solidariedade com Cuba

Transporte de materiais
diversos para o Porto de Vigo
Partidas de Almada e Setúbal
às 05h30
(carros pesados às 04h)
(promovida pelos Núcleos de
Almada e Setúbal da AAPC
com apoio do CPPC)

Sessão de apresentação do
Álbum
CADA PALAVRA TUA
É UM HOMEM DE PÉ
- dois desenhos de Siza Vieira,
um texto de José Saramago,
grafismo de Armando Alves
Dia 14 às 18h, Edifício Cristal
Park / jardim das traseiras
(Promovido pela Com. Reg. do
Porto Contra o Bloqueio)

O caso dos pequenos escravos

O lho a emissão de "Esta Semana" consagrada à questão do trabalho infantil e, do fundo da memória, saltam versos de Vasco Costa Marques: "Dez anos de fome, penumbra e maus tratos./dez anos premidos num corpo de três./Dez anos. Vem cá engraxar-me os sapatos./Dez anos. Dê-me essa beata, freguês." (A citação, de cor, é provavelmente inexata, e bem gostaria eu de que o próprio autor, de quem eu nunca mais soube, viesse corrigir-me). Era, já há mais de quarenta anos, a infância do trabalho infantil a repercutir-se na indignação do poeta. Porque o trabalho infantil não é coisa de agora. O que acontece é que só depois de Abril é possível discuti-lo e só depois de Abril os governos se têm sentido obrigados a pelo menos fazer de conta de que querem combatê-lo a sério, o que aliás é extremamente duvidoso, como a emissão de "Esta Semana" veio mais uma vez indicar.

Logo no princípio do programa Margarida Marante veio apontar "causas económicas e culturais" para o trabalho infantil, e ao longo da emissão por mais de uma vez insistiu nas tais causas culturais. Por mim, fiquei a dar-lhe o benefício da dúvida: calculo que Margarida não tenha da sociedade uma visão propriamente marxista, mas será possível que, neste caso concreto, não veja que as alegadas causas culturais são apenas uma floração superficial das raízes económicas? Para não o ver, "hace falta ser ciego", como escreveu Alberti. Ou ser burro. Ora, não me parece que Margarida Marante seja burrinha. Em todo o caso, bastaria ouvir com atenção alguns dos seus convidados daquela noite para que o seu entendimento se iluminasse para esta questão.

Uma questão global

Alguns dos seus convidados. Por exemplo, o professor Fernando Bessa, cujas palavras serenas mas firmes valeram, e só por si, o tempo de quem acompanhou a emissão. Ou Adão Mendes, da União de Sindicatos de Braga. Dos depoimentos de ambos só por estrema miopia seria possível não concluir que a tal questão cultural se bifurca em duas vertentes, a dos pais e a dos empresários empregadores. Dos pais, que na sua generali-

dade se viram pressionados para converterem em suposta sabedoria de senso-comum a necessidade de pôem os filhos a ganharem quanto antes algum dinheiro que ajude à subsistência da família (é inevitável que se segrege um alibi capaz de atenuar o remorso por, embora forçadamente, entregar os filhos à exploração e assim abdicar talvez de iniciais sonhos a respeito deles). Dos empresários, que enquanto sustentam a tese de que o trabalho infantil faz muito bem aos garotos (como mais uma vez ficou patente em diversos telefonemas há dias recebidos numa emissão do "Forum" da TSF dedicado ao mesmo tema) vão arrecadando proveitos com essa forma peculiar de escravatura, agora também servida ao domicílio. Quanto à domicilição do trabalho infantil, é legítimo suspeitar de que "Esta Semana" passaria sem dar por ela se não fosse a intervenção de Adão Mendes. No que se refere aos proveitos, foi ainda o sindicalista que deu a informação conclusiva: é frequente que patrões explorem os garotos até à idade de os legalizar e depois os mandem embora. É claro que porque, a partir de então, aquela mão-de-obra lhes ficaria mais cara. E também porque miudagem para

escravizar não lhes faltará enquanto as coisas continuarem como agora são.

É exactamente quanto a este "estado de coisas" que obviamente se referia o professor Fernando Bessa quando salientou a radicação económica do problema ou quando ali se disse que "o problema é global e tem de ter uma resposta global". A questão, como disse Fernando Bessa, é que o trabalho infantil é uma vivência de crianças pobres, filhos de pais pobres e que provavelmente terão filhos pobres (ele disse, mais exactamente, "pais operários" e "filhos operários"). Entretanto, ali mesmo ao lado e à mesma hora, pronunciando-se em "Maria Elisa" acerca da questão da droga, o ministro José Sócrates acentuava que "a droga acompanha muito o fenómeno da pobreza".

Pois: se calhar também a toxicodependência é uma questão global que tem de ter uma resposta global. Querem ver que a solução de ambas as calamidades, a droga e o trabalho infantil, apelam para uma comum e enorme resposta global? Querem ver que o único caminho sério e certo é caminharmos nesse sentido?



A
perversão
do

Palavras
e Cromos



■ Urbano Tavares Rodrigues

Conceito de Liberdade e a urgência da sua revalorização

É com o Iluminismo que o conceito moderno de liberdade, no domínio político e como valor supremo da vida, se difunde, irradiando para todas as áreas do social e do cultural e produzindo, após a Revolução Francesa, efeitos muito fortes e contraditórios na economia, com a perda dos privilégios da nobreza no mundo rural e a ascensão progressiva da burguesia nos espaços do comércio e das novas indústrias.

Foi a aliança profunda da ideia da liberdade com as reivindicações sociais no universo do trabalho e foram as esperanças igualitaristas que presidiram ao nascimento da Esquerda nos anos agitados da Constituinte, da Convenção, dos *sans culottes*, de Marat a Robespierre e a Saint-Just, a Gracus Baboeuf, à chacina do *Champs de Mars*, à chegada de Napoleão Bonaparte.

É um conceito global de liberdade, apaixonado, abrangente, fraterno, unindo o voto de palavra, sem peias nem contorsões, às legítimas aspirações ao pão, à casa, ao trabalho e à sua dignificação, que empurra o povo francês para a luta nas barricadas de 1848, que repercutiu em toda a Europa, provocando o fim da escravatura e o voto universal, ainda apenas masculino é certo. 1848 é também o ano do aparecimento do Manifesto Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels. Depois, em 1871, as jornadas da Comuna de Paris, cedo afogada em sangue. A mesma ânsia de liberdade e cidadania, transportam-na a insurrectos do 5 de Outubro em Portugal e as multidões reivindicativas e eufóricas do 25 de Abril, que trouxeram também para a rua a arte e a poesia.

Não podemos esquecer que a liberdade é um valor (o valor cimeiro) da esquerda e urge reflectir sobre a desvirtuação, a perda completa de sentido que o termo (ou os seus derivados) sofre ao ser, pela direita, por partidos ditos liberais ou congéneres, arvorado em bandeira, ou em troféu, como sucede tantas vezes neste período, que estamos vivendo, de globalização do neoliberalismo.

É que, além de promover os grandes grupos (bancos, empresas gigantescas), através da sua política economicista, ou melhor, essencialmente de lucro e crescimento financeiro, e de reduzir drasticamente o poder dos Estados, dominados pelo FMI, pela OCDE e outros travões do desenvolvimento real e colectivo, além de criar (isso sim) cada vez mais desemprego, miséria e exclusão social, num galope que nos querem fazer crer indetível ou fatal, como contrapeso necessário de enriquecimento (que é afinal o enriquecimento inútil dos ricos); o neoliberalismo ameaça (vejam-se as propostas da AMI) liberalizar (que profanação da palavra!) ainda mais os despedimentos, limitar ou proibir mesmo as greves, em suma, destruir quase todos os direitos humanos e com eles, como é óbvio, a liberdade, a cidadania.

Estamos assim perante uma forma hábil de oligarquia plutocrática, que tende para processos sinuosos e mascarados de escravização, para o alargamento progressivo do trabalho precário, para a completa destruição da assistência social, substituída por falsos seguros de saúde (uma das fraudes mais descaradas desta nossa época, em termos de maiorias) e, naturalmente, para a institucionalização da esmola, sob a capa de uma palavra bela em si, como foi, durante o cristianismo primitivo a palavra «caridade», que hoje ofende e magoa os que a recebem e os que a praticam, quando têm humanamente vergonha da desigualdade. E infelizmente estamos a chegar aí: a ter de dar várias espécies de esmolos, para que ao nosso lado não se suicidem ou morram de fome, ou de tristeza, os que não souberem resistir à máquina da competição feroz e da destruição alheia.

Ao que estamos chegando!

Há, obviamente, que defender, reabilitar e restaurar o Estado Providência, sacudindo o jugo dos supremos senhores do Dinheiro que governam o mundo e não têm (essa gente sem rosto que a direita tradicional apoia) nem Pátria, nem religião – onde isso vai? – nem moral que não seja a do poder.

Sabemos (e com mágoa, com decepção) que os partidos socialistas quase todos, quando chegam ao governo, seguem com maior ou menor resistência, nalguns casos até querendo mistificar-nos, a política económica e social dos seus adversários de ontem, de sempre, dos apologistas da desumanidade, fardados de mestres do cifrão.

Os 60 milhões de pobres dos Estados Unidos, os 57 milhões de pobres da União Europeia, os famintos das sociedades periféricas, os jovens intelectuais sem primeiro emprego, os vagabundos desta noite da humilhação começam a ranger os dentes, mesmo dentro da fortaleza imperial, a América do Norte, que quase não vota os seus governantes (a abstenção fala por si) mas detém o orgulho e a arrogância de farol do mundo.

Parece-me muito claro que a esquerda, com toda a sua desorientação, que não cessou por completo, desde a simbólica queda do muro de Berlim até hoje, de reassumir o seu papel histórico e encontrar para isso os argumentos. Contra esta tirania mundial as armas têm de ser ideias e práticas.

São efectivamente os partidos comunistas as forças políticas que defendem com coragem e tenacidade os interesses dos trabalhadores, que lutam ao seu lado. Mas quantas vezes, neste clima generalizado de desconforto ideológico, de decepção ou descrença, de medo (medo do despedimento e da insegurança crescente), as camadas populares pouco reagem, individual ou colectivamente.

Os sindicatos esvaziam-se, quando mais do que nunca deveriam regurgitar de massas em batalha contra o autêntico desemprego (pois o trabalho precário com que se forjam falsas estatísticas é poeira lançada para os olhos do povo).

É certo que os *media*, em grande parte ao serviço do poder económico, actuam no sentido de uma crescente desinformação quanto aos verdadeiros cancro da sociedade, concretamente no nosso país.

É certo também que o desprestígio causado pela queda da União Soviética e o conhecimento do seu atraso tecnológico, do distanciamento entre as estruturas governativas e o povo, os crimes do estalinismo e a falta de liberdade ainda não foi varrido por um salto qualitativo impressionante dos partidos comunistas.

O nosso, honra-me dizê-lo, tem estado sempre, mas sempre, ao lado dos trabalhadores e vem dando, nos últimos anos, grandes passos no sentido da sua flexibilização e actuação. Mas creio bem que lhe falta assumir o destino histórico que o momento mundial lhe impõe, unindo, numa só bandeira, os apelos à liberdade, que é fraternidade, ou não é liberdade, e à justiça, que é igualdade – a igualdade possível –, e é solidariedade, mas não a solidariedade vestida de falsas lantejoulas. Sim, a nossa, a solidariedade revolucionária, no bom sentido da transformação social profunda.

Há uma canção revolucionária e popular italiana, Bandera Rossa que, num grito apaixonado, diz tudo isso:

«Viva il comunismo e la libertà.»

No caminho para democracia avançada que desejamos, na linha da nossa tão idealista evolução de Abril e da ultrapassagem do sombrio tempo histórico que atravessamos, e não devemos perder de vista essa aspiração genuína das bases, que pulsa em tantos de nós:

Viva o Comunismo e a Liberdade!

ESCAPARATE

Culturgest

MIQUEL BARCELÓ
 GEORG BASELITZ
 PEDRO CABRITA REIS
 FRANCESCO CLEMENTE
 TONY CRAGG
 JOSÉ PEDRO CROFT
 ENZO CUCCHI
 RICHARD DEACON
 ERIC FISCHL
 PETER FISCHLI & DAVID WEISS
 GÜNTHER FÖRG
 ROBERT GOBER
 PETER HALLEY
 GARY HILL
 JENNY HOLZER
 ANISH KAPOOR
 ANSELM KIEFER
 JEFF KOONS
 BARBARA KRUGER
 SHERRIE LEVINE
 JORGE MOLDER
 YASUMASA MORIMURA
 REINHARD MUCHA
 JUAN MUÑOZ
 THOMAS RUFF
 DAVID SALLE
 JULIÃO SARMENTO
 JULIAN SCHNABEL
 THOMAS SCHÜTTE
 CINDY SHERMAN
 SUSANA SOLANO
 HAIM STEINBACH
 THOMAS STRUTH
 ROSEMARIE TROCKEL
 JAN VERCRUYSE
 BILL VIOLA
 JEFF WALL



Anos 80 em Exposição

Já foi inaugurada no mês passado e ainda estará patente ao público até 31 de Agosto nas Galerias 1 e 2 do Edifício-Sede da Caixa Geral de Depósitos. Mas, passada a afluência dos primeiros dias, talvez seja o momento de, com tempo, a visitar. É a Exposição «Anos 80» que conta com a participação de mais de trinta artistas plásticos de todo o Mundo. O crítico de arte João Pinharanda afirmava no suplemento Artes do jornal «Público»: «A exposição chama-se simplesmente "Anos 80". Reúne (quase) tudo o que pertenceu ao tempo vertiginoso e eufórico da década. Mas, também,, o que ia já marcando a sua revisão crítica. Em termos internacionais é a primeira tentativa de balanço de um dos decénios mais controversos do século. Em termos nacionais, é a primeira oportunidade do público português entrar em contacto com a maioria dos artistas apresentados.» Razões para já suficientes, se não houvesse outras, para nestes feriados que se aproximam ir ver com calma as propostas, por vezes polémicas (e por ordem alfabética, como convém), de Barceló, Baselitz, Cabrita Reis, Clemente, Cragg, Croft, Cucchi, Deacon, Foschl, Fischli & Weiss, Förg, Gober, Halley, Hill, Holzer, Kapoor, Kiefer, Koons, Krueger, Levine, Morimura, Mucha, Muñoz, Ruff, Salle, Sarmento, Schnabel, Schütte, Sherman, Solano, Steinbach, Struth, Trockel, Vervruysse, Viola e Wall.

Fotografia em Loures

Se é a fotografia o seu interesse maior no campo da Arte, então aconselhamos-lhe uma visita à belíssima exposição que se realiza até ao próximo dia 14 na «Loja Municipal» (R. da República, 70-E, em Loures). Intitulada «In Memoriam», esta exposição reúne vários trabalhos de fotografia realizados durante os anos 90 por Margarida A. Mirão Barroso, nascida em Lisboa em 52, licenciada em Arquitectura pela École Nationale des Beau-Arts de Paris e regressada a Portugal em meados dos anos 80. Fotos que, no dizer da artista, «são um olhar sobre as cores, a luminosidade, os contrastes. São os cheiros das ervas, das flores e do mar. Sobre as manhãs frescas e os fins de dia quentes de Verão.»



MÚSICAS

Cinemas da Índia

Subordinada a este título geral, continua a realizar-se na Cinemateca Portuguesa (R. Barata Salgueiro, Lisboa), prolongando-se até dia 20 do corrente, um excepcional ciclo de cinema dedica-

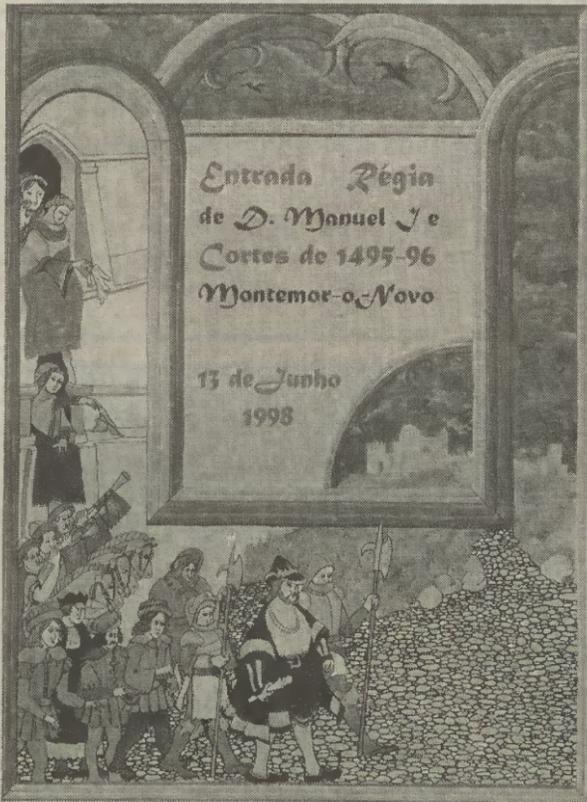


do a uma das mais importantes (e prolíferas) cinematografias mundiais, da Índia. Conforme justamente se afirma no programa deste ciclo, «a Índia é o maior produtor de filmes do mundo: mais de 600 filmes por ano, falados em mais de vinte línguas. Se cidades como Bombaim, Hyderabad e Madrasta são o grande pólo da produção industrial, com filmes de entretenimento popular em que se manifesta uma prodigiosa imaginação visual, e Calcutá foi o mais conhecido centro de cinema de autor, a variedade de estilos e tendências deste cinema polímorfo é enorme. Já era mais do que tempo de voltarmos a organizar em Lisboa uma retrospectiva do cinema indiano (...) tanto mais que, com a excepção de alguns filmes populares, praticamente nada desta produção chega até às salas portuguesas.» Das várias propostas para os próximos dias, aqui estão alguns destaques. Dia 15: às 18.30 «O Que Encoleriza Albert Pinto» (1980), de Seed Mirza, história de um mecânico de Goa que sonha em possuir os carros dos

seus clientes; e às 21.30 «A Tenda de Circo» (1978), de Govindan Aravindan, um dos expoentes do moderno cinema independente. Dia 16: às 18.30 «A Ratoeira» (1982), de Adoor Gopalakrishnan, a história de uma família rica em decadência material; e às 21.30 «Face a Face» (1984), do mesmo realizador, uma narrativa sobre um fundo político, ao longo de um período de mais de vinte anos. E dia 17 às 18.30 «Vou Contar à Mamã» (1985), de John Abraham, um filme sobre um tema central da cultura e do cinema indianos - a mulher - influenciado pelo tema cristão do martírio; e às 21.30 «Bruscamente, Um Dia» (1988), de Mrinal Sen, que nos conta a história de um professor reformado que bruscamente desaparece.

HISTÓRIA

Reconstituição histórica



No próximo dia 13 de Junho, terça-feira, realiza-se em Montemor-o-Novo uma cerimónia pública em que será feita a reconstituição da Entrada do Rei D. Manuel I nesta cidade e a realização das Cortes em 1495-96. O cortejo terá início às 17.30 no Largo Machado dos Santos (Largo da Estação), com percurso pela Rua 5 de Outubro e final na Praça da República. Às 18 horas terá lugar um Torneio oferecido ao Rei, nesta mesma Praça da República. Finalmente, às 21 horas, será feita a Reconstituição das Cortes de 1495-96, em que pela primeira vez foi discutida a realização da viagem à Índia. Realizado no terreiro em frente ao Convento da Saudação, o Serão Musical terá ainda a participação de Pedro Caldeira Cabral que executará o Concerto Atlântico.

TEATRO

Uma peça na Comuna

Estreada no passado dia 5 e com carreira prevista até 30 deste mês, subiu à cena na Comuna - Teatro de Pesquisa, a peça «3 - Vida de Sucesso». Da autoria de Maria Irene Fornes e com encenação de Rosa Coutinho Cabral, esta peça tem como intérpretes Helena Laureano, Heitor Lourenço e João Cabral. Espectáculos de quinta a domingo.



FESTAS

Chegam ao fim as Festas de Lisboa

Já aqui lhes fizemos justa referência na edição anterior do «Avante!» e, hoje, cumpre-nos assinalar (com tristeza) o seu fim. Terminam, então, mais umas Festas de Lisboa, depois de as ruas da capital terem sido animadas com inúmeros espectáculos, marchas, arraiais e tudo o mais que é habitual fruir-se nestas vésperas do Verão lisboeta, aqui e ali ainda molhadas pela chuva. As previsões dizem-nos, entretanto, que as coisas vão melhorar neste aspecto e, por isso, aqui ficam alguns conselhos para o leitor arrancar de casa com a família e ir encerrar em beleza estas Festas no próximo dia 13. Da oferta variada, sugerimos-lhe, por e x e m -



plo, um baile popular subordinado ao tema «Grandes Slows» que se realizará no Campo das Cebolas. E, claro, também poderá assistir na Praça do Comércio, a partir das 19 horas e até de madrugada, a uma série de espectáculos que começa com «Lá Vai Lisboa», passa pelas actuações de «O O Que Som Tem? / Cavalinho», às 20.30, a «Ala dos Namorados» às 22.00, Rui Veloso, às 23.00, até a um grandioso Rave (está a ver?) a partir da uma da matina. Divirta-se!

A TALHE DE FOICE

Ter razão só faz doer

Nas previsões dos organizadores da EXPO'98 a afluência de público havia de rondar os 100 mil visitantes/dia o que, passadas duas semanas sobre a abertura oficial, deveria ter feito entrar nos cofres verbas correspondentes a milhão e meio de entradas. Já lá vão 15 dias e nem meio milhão de visitantes transpuseram as portas, colocando os resultados a um terço do esperado. À média de quatro mil escudos/bilhete, estamos a falar de um buraco de quatro milhões de contos aberto em apenas duas semanas – e só nos bilhetes de acesso.

Exibindo um sangue-frio digno de Vasco da Gama, o grande homenageado da EXPO, os responsáveis governamentais reagiram como almirantes no fragor da procela: aquietaram a tripulação com a firmeza da competência e a serenidade da autoconfiança. E disseram que «era sempre assim» na começo das Exposições e que «o período de férias» já está ali na esquina do horizonte para anular a tormenta. Só que o começo das Exposições não é «sempre assim» – como até a incandescência do Vasco Lourinho conseguiu demonstrar na RTP com os apuramentos de Sevilha (mais de 100 mil visitantes logo no primeiro dia e, a partir daí, mais do que «sempre assim», foi «sempre a abrir»...) – nem as férias dos portugueses são azeite que se veja para aplacar fúrias marinhas: as estatísticas mostram que 70% da nossa gente passam as férias em casa por falta de dinheiro, o que configura uma fraca tensão superficial no acalmar destas águas. Apesar de o engenheiro António Guterres já ter lidado mal com números, sobretudo quando lhe saltaram ao caminho a saracotear percentagens do PIB, isso nunca significou, obviamente, que o engenheiro António Guterres desconheça as regras de cálculo ou seja um ignorante em Matemática.

As suas dificuldades não foram – nem, seguramente, jamais serão – de raiz técnica, científica ou cultural. As dificuldades do engenheiro António Guterres têm a mesma génese e substância das que todos os seus predecessores enfrentaram sempre que, como ele, se aplicaram na deliberada demonstração da quadratura do círculo.

Pelo que a afirmação de serem «sempre assim» as Exposições mundiais resulta, não de um engano ignorante, mas de uma manipulação informada. Pelo que a garantia de uma recuperação da EXPO com as próximas férias dos portugueses resulta, não de um erro de cálculo mas de um desacerto calculado. Isto porque o primeiro-ministro António Guterres não pode ignorar o que as estatísticas todos os anos tornam público – que 70% dos portugueses passam as férias em casa por falta de recursos.

O que pode – e, sem dúvida, o fez – é tomar a parte pelo todo e vender ao País a ideia de que 30% dos portugueses vão comprar o que a esmagadora maioria não consegue – um dia de visita à EXPO que, na mais espartana das hipóteses, fica a 10 contos por cabeça, confluindo na redonda soma de 40 contos para uma família de quatro elementos.

O que também podia – mas, sem dúvida, não o fará – era assumir a evidência de que a EXPO'98 deixou a nu, mal abriu portas, a fragilidade socio-económica dos portugueses, não havendo qualquer base concreta para supor – quanto mais garantir – que o panorama se há-de alterar significativamente até ao final da Exposição.

Ficariamos muito felizes se nos enganássemos. A bela EXPO'98 e os portugueses bem o mereciam. Mas, desgraçadamente, nada aponta para que tal se verifique.

Por isso é que, às vezes, ter razão só faz doer.

■ Henrique Custódio

ÚLTIMAS

Valorizar o Trabalho e os Trabalhadores Campanha encerra no Porto

A campanha «Valorizar o Trabalho e os Trabalhadores, Defender e Concretizar Direitos», encerra hoje, no Porto, com a realização de um Encontro de Jovens Trabalhadores, na Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, que conta com a participação do secretário geral do PCP, Carlos Carvalhas.

Em véspera do encerramento desta campanha pelos direitos dos trabalhadores, procedeu-se ao balanço, por todo o país, dos seus resultados.

Um balanço da campanha e a situação social do distrito do Porto, foram tema de uma conferência de imprensa, realizada sexta-feira passada.

“Quanto mais cresce a informação e o esclarecimento dos trabalhadores sobre as propostas de legislação laboral do Governo na Concertação Social, maior é o seu repúdio” – afirma-se no documento divulgado à imprensa, que sublinha – “É esta uma das principais conclusões na nossa região, da campanha do PCP pelos direi-

tos dos trabalhadores, que está em curso, e se estendeu a mais



A campanha na rua, em Lisboa

de 100 empresas industriais e de serviços abrangendo um universo de cerca de 30 mil trabalhadores”.

A campanha permitiu o contacto com um significativo conjunto de situações, marcadas pelos baixíssimos salários e elevados níveis de exploração, o trabalho ilegal e clandestino, a precariedade do emprego, as violações à Lei das 40 horas.

A esta situação, que “exige

maior coesão social, responde o governo com uma grave e nova ofensiva sobre quem trabalha”, denuncia o comunicado da DORP do PCP. E prossegue: “Com o objectivo de ajustar as leis à realidade das ilegalidades e de enfraquecer ainda mais alguns dos pilares fundamentais do direito do trabalho, como o regime de férias, os contratos a prazo, os novos conceitos do salário, o tempo de trabalho e a lei do trabalho a tempo parcial, as profissões, a tentativa de destruição do actual sistema de Segurança Social, o governo está a satisfazer por inteiro as exigências dos grandes grupos económicos”.

O documento apela aos trabalhadores para que não desarmem, pois “Há uma força imensa de quem trabalha e só ela e a luta podem travar esta ofensiva do governo. É preciso dizer agora Basta e Não a esta legislação e à tentativa de destruição da segurança Social”.

Esclarecimento da Organização de S. Miguel do PCP

O Secretariado da Comissão de Ilha de S. Miguel do PCP, na sequência de notícias vindas a público em órgãos de comunicação social, que se referiam, nomeadamente, à participação de “independentes” na composição da nova Comissão de Ilha, decidiu divulgar, na passada sexta-feira, o esclarecimento que a seguir transcrevemos:

Conforme foi publicamente divulgado, realiza-se amanhã, sábado, pelas 18,30 H, no Cen-

tro de Trabalho do PCP em Ponta Delgada, a Reunião Plenária da Organização de

S. Miguel do PCP, onde será eleita a nova Comissão de Ilha e se procederá à discussão final da proposta de Resolução “Um novo Impulso em S. Miguel”, reunião esta que será aberta aos órgãos de comunicação social.

Tendo em consideração que, sobre a proposta de Resolução referida tem havido, especialmente a nível da comunicação social do continente, interpretações menos precisas e não condizentes com as suas reais intenções, sobre alguns dos seus aspectos, nomeadamente no respeitante à eventual participação de colaboradores não

filiados nos trabalhos da nova Comissão de Ilha, o Secretariado da Ilha de S. Miguel tem a esclarecer publicamente o seguinte:

1. A nova Comissão de Ilha será, nos termos estatutários, exclusivamente composta por militantes do PCP;

2. No quadro de uma prática que se mantém há anos e se viu alargada após as últimas autárquicas na Ilha de S. Miguel, serão, de acordo com a proposta e após a eleição, convidados a colaborar, com a Comissão de Ilha, militantes da JCP e pessoas independentes.

PCP Debates e encontros

O PCP com os trabalhadores, é o tema do encontro de Carlos Carvalhas com jovens trabalhadores, que decorre esta noite no Porto. Uma das múltiplas iniciativas que se realizam estes dias, e de que só no próximo “Avante!” daremos notícia, por força da saída antecipada do jornal.

Também hoje, pela manhã, o secretário-geral do PCP esteve nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, onde teve encontros com os trabalhadores e a Administração, almoçando em seguida na cantina da empresa. Ao longo do fim-de-semana realizaram-se Assembleias de Organização Concelhias em Setúbal, com Jorge Pires, Gondomar, com Sérgio Teixeira, Sines,

Moita, com Luísa Araújo e Montijo. Particular destaque merece o Encontro-debate, que decorreu ontem no Hotel Continental, em Lisboa, sobre o *Sim, direito de decidir*, com a participação de Carlos Carvalhas e Odete Santos e as convidadas estrangeiras Antonia Tomasini, dirigente do Forum Delle Done, do Partido da Refundação Comunista de Itália e Dominique Benoit-Frot, representante do PCF no Colectivo Nacional dos Direitos das Mulheres de França.

O PCP saúda os visitantes da EXPO'98
El Partido Comunista Portugués saluda a los visitantes de EXPO 98
Greetings to Expo 98 visitors from the Portuguese Communist Party



Também aqui
lutamos
por um Mundo melhor
También aqui luchamos
por un Mundo mejor
Here too we struggle
for a better World

★ PCP

Cartaz de saudação aos visitantes da Expo'98, que vai começar a ser afixado na próxima semana, junto ao recinto da exposição mundial e em vários pontos de maior circulação na Área Metropolitana de Lisboa. Na mesma altura será também distribuído um folheto informativo sobre os principais centros de trabalho, a Festa do “Avante!” e alguns locais que serviram de palco à revolução do 25 de Abril.

